



Entreartes

Oficinas do Escola que Vale

PARCEIRO



REALIZAÇÃO



Agradecimento

Este livro não teria sido possível sem a participação dos diretores, supervisores, professores e alunos envolvidos nas oficinas de arte do Escola que Vale. A todos eles e aosicineiros, muito obrigado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária (São Paulo, SP)
Livro Entrartes. São Paulo:
CEDAC 2008

1a. Edição
Tiragem: 5.000 exemplares
ISBN: 978-85-89212-02-1

Índices para catálogo sistemático:

Educação Infantil
Artes Visuais
Gestão Escolar
Educação
Ensino Fundamental
Formação de Professores



Fundação Vale

Compromisso do tamanho do Brasil

A Fundação Vale busca contribuir com o desenvolvimento dos territórios onde a Vale está presente, de forma a fortalecer as pessoas e as comunidades, sempre respeitando as identidades culturais locais. Fazemos isso defendendo causas nas quais acreditamos. Melhoria da qualidade de vida, fim do analfabetismo, educação de qualidade para todos, acesso à cultura, contribuição para o aperfeiçoamento da gestão pública, aumento das oportunidades de trabalho e renda, tudo isso se reflete em nossos programas e nos trabalhos que fazemos.

Defendemos essas causas para que ao final possamos assistir ao desenvolvimento integrado das comunidades onde estamos. Para isso, trabalhamos visando a melhoria da qualidade do ensino sempre em conjunto com outros parceiros, como prefeituras e secretarias, conselhos de direitos, ONGs e instituições especializadas em programas educativos.

O Escola que Vale é um programa desenvolvido pela Fundação Vale em parceria com o Centro de Educação para Ação Comunitária – CEDAC, prefeituras e secretarias municipais de educação.

As oficinas de arte são algumas das atividades de formação continuada oferecidas pelo Escola que Vale e são uma ótima oportunidade de desenvolver trabalhos que mostram a importância do envolvimento dos profissionais de educação em um processo de criação, provocação do olhar e desconstrução de visões de mundo rígidas e estereotipadas.

A arte proporciona liberdade para a criança se expressar e, certamente, contribui para a compreensão das outras áreas de estudo. Além disso, o processo de criação amplia as possibilidades de interpretação e interação com o mundo.

Fundação Vale



Formar professores como queremos que eles formem os alunos

Há 10 anos o Escola que Vale proporciona uma aproximação de educadores de 26 municípios brasileiros com o ensino da Arte. Nessa trajetória, abre a trilha certa, porque em Arte se caminha criando, compartilhando e refletindo sobre seus modos de aprendizagem.

Aqui se acredita que, ao viver um percurso de criação e conhecer como os alunos aprendem e se desenvolvem em Arte, o professor saberá planejar suas aulas, criar propostas, orientar os alunos e avaliar suas produções.

O projeto ousa na variedade de alternativas oferecidas à experimentação dos professores, no respeito pela cultura que eles trazem consigo e no trabalho com a diversidade desses grupos.

As orientações didáticas dos formadores fazem com que os participantes fiquem encantados ao perceber como pessoas capazes de

criar Arte, competentes para plasmar formas e idéias em seus trabalhos.

Cada 'oficineiro' chega com sua bagagem e, ao término do trabalho, cada educador aprendeu, do modo criativo das propostas e da experiência vivida, formas próprias de planejar suas aulas.

Assim, cumpre-se o dito: é preciso formar professores como queremos que eles formem os alunos. No caso, em Arte, com autoria, referência nas culturas e liberdade de criação.

Rosa Iavelberg

A Prof^a. Dr^a Rosa

Iavelberg é uma das autoras dos PCN (Parâmetros

Curriculares Nacionais) na

área de Artes e diretora do

Centro Universitário

Mariantônia, da USP

(Universidade de São Paulo)

O ensino da Arte no Escola que Vale

A importância desta publicação é compartilhar uma experiência singular de ensino da Arte, tratada como área de conhecimento sem, no entanto, ser escolarizada, mantendo o vigor e a pulsação da criação do educador em sintonia com a criação dos alunos, sejam eles crianças, sejam adultos.

No Brasil, ainda é recente a concepção de ensino de Arte aberta ao diálogo, fundamentada a partir de práticas em que a transformação e a transmissão estão integradas numa construção conjunta de educadores e alunos.

Durante muitos anos, ensinar Arte era somente transmitir conhecimentos. Nos anos 60 e 70, a expressão livre da criança era o foco dos profissionais – arte-educadores. O ensino da Arte infantil se transformou em campo de investigação para um grupo de educadores, que passou a perceber como a criança desenvolve sua pesquisa expressiva em Artes.

A partir dos anos 80, a área de Artes foi gradativamente sendo incluída como disciplina no Ensino Fundamental e Médio. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, torna o ensino de Arte na escola obrigatório. No entanto, isso não garantiu a efetiva inserção dessa disciplina nos currículos brasileiros. Exemplo disso é o fato de algumas Secretarias de Educação se utilizarem do subterfúgio da interdisciplinaridade para atender à lei, deixando a cargo dos professores de outras áreas a responsabilidade de todo o ensino da Arte.

Em 1997, com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, houve a implementação

de uma nova política nacional. Paulatinamente a Arte passa a ser considerada área de conhecimento e os estudos de ensino e aprendizagem em Arte ganham espaço.

Justamente por considerar a Arte como área de conhecimento, as experiências apresentadas neste livro nos mostram um olhar mais contemporâneo para o ensino da Arte, em sintonia com seu tempo.

Dentro da área de Artes, o Escola que Vale busca conhecer e reconhecer culturas e estruturas de diferentes lugares no Brasil, considerando suas singularidades. Propõe uma diversidade imensa de questões sobre a vida cotidiana, de perguntas, procedimentos e desafios que proporcionam a vivência de conceitos de diversas áreas e a reflexão sobre elas. Convida ao exercício do pensar. O ensino da Arte, tratado desse modo, lida com a capacidade de estar presente e perceber o novo no mundo à sua volta.

Os oficinairos deste Programa trazem, nas oficinas de artes visuais, a potência da produção artística para a sala de aula, propondo à comunidade escolar ações desafiadoras que possibilitem experiências com um novo sentido para o lugar da Arte na escola.

Dessa forma, o Escola que Vale cria um diferencial, tece uma rede de comunicação onde as questões levantadas permeiam os vários grupos que compõem a escola, possibilitando uma sensibilização efetiva a partir da experiência vivida. Constrói-se um terreno fér-

til para a reflexão e a transformação da relação da comunidade escolar com a Arte.

Os diálogos vão desde parcerias com as Secretarias de Educação, grupos de formação dos diretores das várias escolas públicas envolvidas no Programa, oficinas de formação para educadores e propostas práticas de trabalho realizadas com os grupos de alunos desses professores.

Cadaicineiro é um pesquisador de sua prática e propõe oficinas abertas à troca de conhecimentos. Assim demonstram a vontade de transformar-se diante dos outros, revelando idéias e percepções decorrentes do encontro de diversas realidades e modos de proceder.

Mais do que dotar os participantes de conteúdos e habilidades técnicas, o Escola que Vale atua para instigar os educadores – alunos diante da própria linguagem. O foco de atuação é direcionado para a formação de polivalentes, pois não se deseja formar especialistas, mas desenvolver a sensibilidade do sujeito a partir de experiências artísticas.

As imagens aqui apresentadas nos dizem mais do que qualquer texto, falam por si.

O ensino da Arte é o caminho de acesso à linguagem artística presente singularmente em cada sujeito. O principal desafio é que os oficinairos conectem seu olhar com a maneira de olhar dos educadores, de modo a aproveitar as brechas possíveis em cada grupo e, dessa forma, despertar para outro jogo de possibilidades e articulações de conceitos já existentes.

O trabalho apresentado nesta publicação nos mostra um espaço construído onde a troca é valorizada, vislumbrando abrir caminhos para a formação na diversidade sem perder de vista os detalhes das diferenças. Nesse sentido, a capacidade de ser afetado ou afetar o outro é condição essencial para uma transformação pela educação.

Stela Barbieri

Diretora da Ação Educativa
do Instituto Tomie Ohtake

Introdução

Este livro apresenta o trabalho realizado nas oficinas de Arte do Escola que Vale para educadores e alunos de redes públicas municipais no norte, nordeste e sudeste do Brasil. São hoje mais de 43.000 participantes entre 1999 e 2008 nos estados do Pará, Maranhão, Espírito Santo e Minas Gerais. O tratamento do assunto Arte e a descrição de metodologias e propostas das oficinas são explicitados em textos e imagens que abrem ao leitor uma janela para territórios da Educação e da Cultura talvez muito imaginados, mas pouco visitados pela maioria das pessoas.

Oficineiros, que são artistas e educadores de São Paulo, planejam as oficinas de Arte e as realizam com outros educadores das mais variadas localidades atendidas pelo Escola que Vale, num encontro em que a potência transformadora está justamente nos deslocamentos físicos e culturais pressupostos por essa dinâmica de convivências. A troca estabelecida entre essas pessoas realimenta tanto as práticas dos profissionais das escolas quanto as próprias oficinas, cujas ações são, assim, permanentemente enriquecidas, ampliadas e atualizadas.

O capítulo 1 – **Entrelaces** – situa as diferentes identidades culturais envolvidas na concepção das oficinas por considerá-las essenciais para o estabelecimento de relações entre Educação e Arte. O imaginário e seus símbolos, os legados regionais e universais e suas influências no cotidiano de educadores e oficinairos se entrelaçam.

O capítulo 2 – **Encontros** – trata das descobertas pessoais, interpessoais e de novas intera-

ções com a cultura e com a imagem, por meio de práticas artísticas que reúnem a dimensão pessoal e profissional. Nas oficinas, os encontros favorecem o diálogo e a troca de experiências entre educadores e oficinairos numa co-autoria na construção de novos conhecimentos.

O capítulo 3 – **Recursos** – traz a pesquisa de ferramentas e materiais como campo de investigação para sensibilizar o olhar e lidar com procedimentos técnicos aliados à invenção. As pesquisas que envolvem o olhar tornam observáveis diferentes pontos de vista, atribuindo novos sentidos às “paisagens” conhecidas. As que implicam o fazer mostram simultaneamente a simplicidade e a riqueza de matérias e materiais possíveis de ser transformados em criação.

O capítulo 4 – **Entreartes** – aponta para o lugar aonde os conhecimentos construídos nas oficinas de Artes Visuais do Escola que Vale chegam: às salas de aula e escolas dos municípios participantes. Educadores sensíveis ao potencial de seus alunos e estimulados a elaborar planejamentos e dar aulas de artes. Alunos em contato com Arte, envolvidos em práticas de desenho, pintura, gravura, colagem e escultura, experimentando idéias visuais na escola.

Educadores e interessados em buscar interfaces entre Arte e Educação Básica poderão encontrar nestas páginas não só a documentação do trabalho realizado ao longo de quase dez anos de existência do Escola que Vale, mas também inspiração para viagens no universo da imagem dentro de salas de aula e escolas, ou em terrenos expandidos, em direção à aprendizagem e ao desenvolvimento pessoal.





Entrelaces

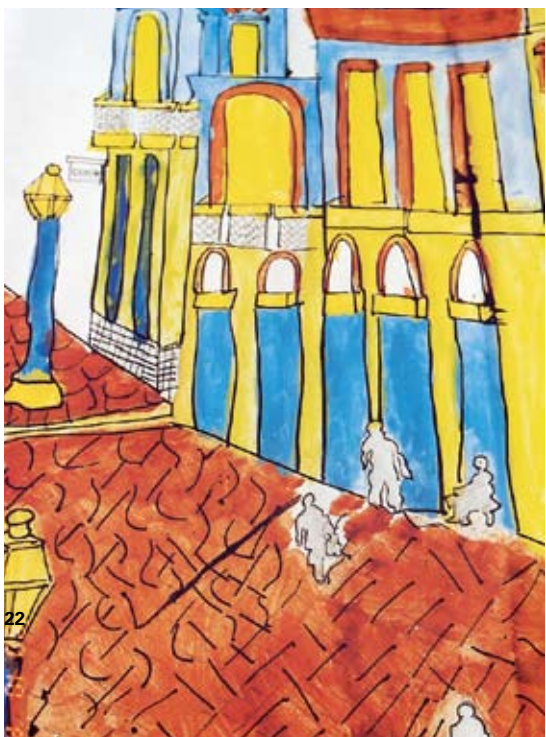


A cultura de cada município expressa a composição de sua população – composição étnico-racial, etária, por origem territorial, migrantes ou não migrantes, estilo de vida das pessoas, diversidade de paisagens e climas. Cada povo e cada comunidade estabelece relações particulares com a natureza e cria seus elementos simbólicos, que se manifestam por festas, valores, línguas e linguagens, pela culinária, dança, música, diferentes gêneros literários, poesia, artefatos formando uma identidade cultural.

O fato de as oficinas de artes visuais ocorrerem nos municípios onde os educadores atuam faz com que o oficineiro, no papel de viajante, leve um repertório cultural em sua bagagem e volte com uma bagagem ainda maior. Ocorre

uma articulação e trocas intensas entre repertórios culturais local e universal, possibilitando que todos conheçam e/ou reconheçam diferentes manifestações culturais. O peso da bagagem com a qual cada um fica nunca é em excesso, pois a troca é característica desse trabalho.

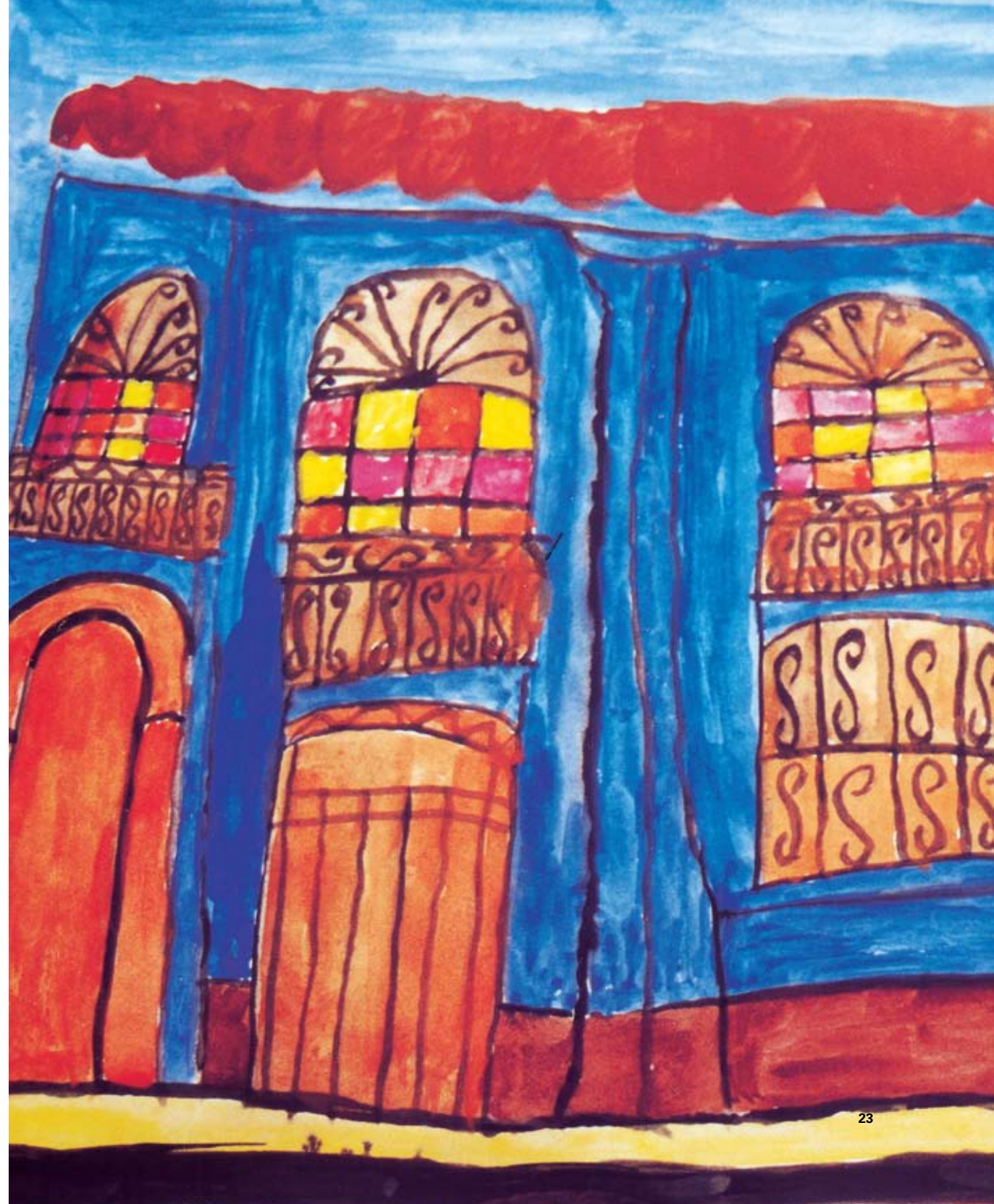
As oficinas provocam uma aproximação e re-significação de elementos culturais e proporcionam uma relação de troca entre olhares que interagem, integram, criam e recriam conexões entre saberes de diferentes povos, comunidades, épocas e lugares. Esse movimento é considerado um princípio para o trabalho das oficinas que faz emergir histórias, linguagens, memórias, hábitos, costumes, crenças, valores. As experiências vividas tornam a cultura viva.



Novo olhar

A arte nos mostra como é possível se apropriar do patrimônio histórico e dos elementos da vida cotidiana.

A realização de desenhos ou pinturas de observação das fachadas de edifícios presentes nas ruas pode revelar outras maneiras de se relacionar com o lugar, lançando um novo olhar para o já conhecido. O fazer transforma o olhar e re-significa a paisagem.





Casas e fachadas

O patrimônio arquitetônico, constituído por casas e edifícios históricos, pode servir de inspiração na realização de trabalhos durante as oficinas, pelo fato de essas construções refletirem a concepção estética de uma cultura. Em diferentes épocas, a arte demonstra como artistas se apropriam desse patrimônio e dos elementos da vida cotidiana para criar seus trabalhos.

Depois de os educadores de João Neiva (ES) apreciarem durante a oficina as reproduções de pinturas do Volpi, representaram as fachadas que se encontram nestas páginas. Tomando como referência o tema, o colorido da têmpera e a composição que caracterizam as obras desse artista, os educadores puderam relacionar com o olhar esses conhecimentos com as construções locais.



Interferência na paisagem

A própria construção arquitetônica também serve de suporte para manifestações das artes visuais, ou seja, portas, janelas, paredes e até mesmo o teto e o chão recebem pinturas ornamentais.

Das igrejas centenárias às casas mais populares encontramos essas marcas estéticas, porque arte e estética são conceitos que sempre fazem parte da sociedade, dos valores, usos e costumes de um povo.

Uma das atividades propostas durante a oficina em Canaã de Ipixuna (PA), foi criar ornamentos a partir de elementos presentes no cotidiano do município. Foram realizados moldes vazados e aplicados por meio da pintura nas casas locais.

Com essa experiência, os participantes da oficina puderam se relacionar de outras maneiras com os elementos da natureza, transformando-os em marcas gráficas. Participaram de um processo que trouxe outro significado à ornamentação, para além do mero enfeite.

A Casa do Professor de Curionópolis (PA), recebeu pinturas nas paredes externas e no calçamento com moldes vazados elaborados pelos professores a partir de uma proposta de oficina. Nas paredes internas, foram feitos desenhos por crianças inspirados em animais.



Educadores de dois municípios mineiros foram mobilizados para que interferissem nas paredes de suas escolas. Em Belo Vale (MG), receberam colagem de tecido e pintura. Já em Barão de Cocais (MG), os educadores partiram da observação da paisagem do entorno, como se as pinturas abrissem novas janelas.

Flores, folhas e frutos passaram a integrar o ambiente escolar em Eldorado dos Carajás (PA). Durante a oficina, educadores realizaram interferências gráficas nos espaços: um modo de deixar marcas, apropriar-se do lugar.





As paredes de várias escolas, como as de Belo Vale (MG), Eldorado dos Carajás (PA) e Barão de Cocais (MG), também serviram de suporte para imprimir marcas gráficas. Flores, folhas, frutos e pássaros passaram a integrar o ambiente escolar.





A casa como elemento simbólico

Cada sociedade, etnia, comunidade, em cada época histórica possui conhecimentos, valores com significados simbólicos.

A própria imagem das pessoas, tanto suas características físicas quanto suas vestimentas e costumes, revela elementos simbólicos que despertam a imaginação e dão significados para a vida.

Os retratos utilizados na oficina em Rio Piracicaba (MG), foram selecionados com a intenção de evidenciar a diversidade. O desafio era imaginar narrativas que levassem a criar lugares representativos para cada imagem. Não importava se o lugar criado condizia com a realidade, o importante era evidenciar o caráter simbólico da arte.

Histórias e causos

Na oficina realizada em São Luís (MA), os causos e histórias foram resgatados como tema para a elaboração de esculturas em argila. A curiosa história da construção da Igreja de São José do Ribamar foi tema recorrente para muitos participantes, pelo fato de fazer parte do imaginário ludovicense. A igreja foi presentificada em palavras e esculturas.

Todos em São Luís contam a história em torno da Igreja de São José do Ribamar. Situada bem no centro da cidade, a igreja teria desabado duas vezes até ser construída de frente para o mar, como era o desejo do santo padroeiro da cidade. Em setembro, uma grande festa em homenagem a São José do Ribamar ocorre no período da lua cheia, atraindo milhares de fiéis àquela cidade.

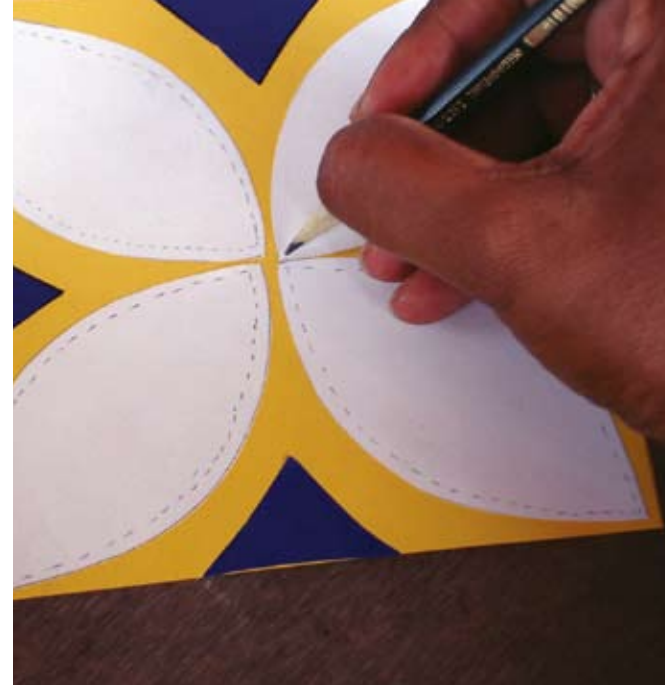
Muitas paisagens são constituídas pelas histórias que lhes são atribuídas. Os lugares ganham sentido com as próprias histórias de quem vive por lá, misturando-se entre memórias afetivas de realidade e ficção, causos e lendas. O lugar ganha um sentido próprio, uma identidade.

O rio que banha Baixo Guandu (MG) foi o local, e ao mesmo tempo o tema escolhido, para que os participantes costurassem e bordassem com linhas e tecidos um “rio de pano” coletivo. Enquanto confeccionavam o tecido, memórias pessoais e coletivas eram compartilhadas.

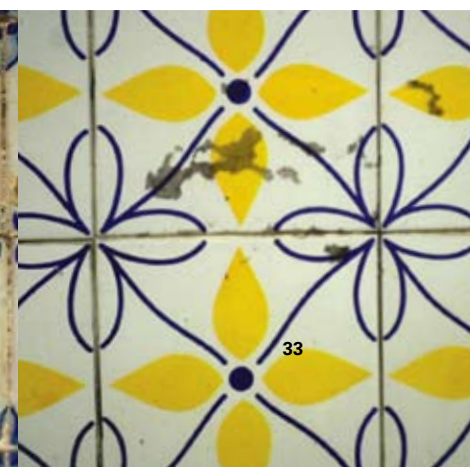




As antigas edificações de São Luís do Maranhão constituem um significativo acervo de azulejos trazidos por tradições européias na época da colonização do Brasil. Esse legado serviu de inspiração para muitos oficinairos. Uma simples borracha para criar um carimbo, colagem com papéis coloridos, confecção de moldes e procedimentos da cerâmica foram alguns dos caminhos encontrados para abordar a reprodutibilidade da imagem, a elaboração de figuras e padrões, elementos de figura e fundo que, combinados, levam ao entendimento do princípio de criação dos azulejos.



Em São Luís (MA), a Vale havia lançado um catálogo de azulejos com todos os modelos existentes na região naqueles dias em que estava programada uma oficina com os educadores locais. Esse material tornou a oficina mais significativa e ajudou na realização de um painel das produções dos educadores.



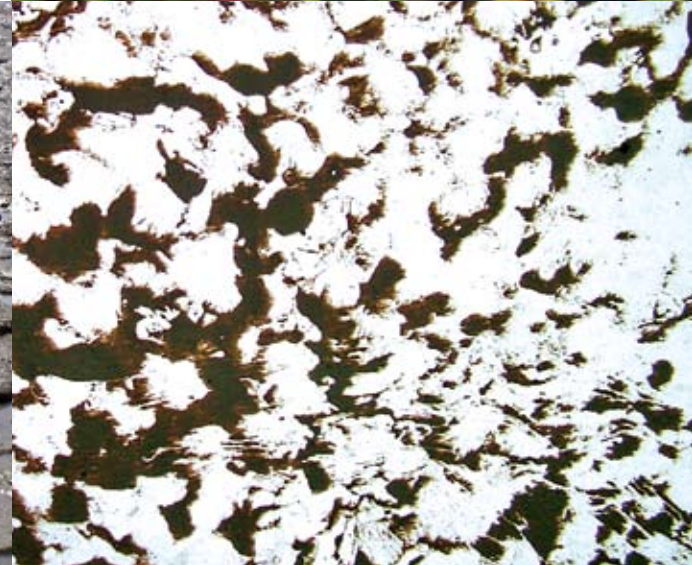


Memória visual

Ao chegar a Pindaré (MA), a oficina Iza Figueiredo passou com seu olhar à captura de imagens características do município e registrou com sua máquina fotográfica os detalhes que lhes saltavam aos olhos. Depois de concluir sua oficina com os educadores, notou que os resultados alcançados em uma das atividades reproduziram nitidamente os grafismos, as formas, texturas e movimentos que constituíam a paisagem local. Já de volta a São Paulo, Iza revisitou sua bagagem de imagens e estabeleceu relações dos trabalhos dos educadores com suas fotografias. O resultado desse olhar sensível gerou um ensaio fotográfico de grande beleza.

"...a Beleza, a Vida e a Natureza juntam-se para mostrarem que ao mesmo tempo podem assustar pela sua imprevisibilidade, mas constituem a busca primordial do ser humano."

Glória Kreinz, em *Literatura, Ciência e Caos*,
Revista Espiral





A imagem de uma santa em um altar de igreja é um símbolo que representa o mundo santificado, para os religiosos. Quando esse símbolo é colocado em outro contexto, a relação que se estabelece com ele se transforma, deixando de ser um objeto religioso estético para se tornar um objeto artístico estético.



Em Aimorés (MG), educadores puderam, por meio do fazer, revisitar a escultura presente em uma praça da cidade. Nesse caso, a proposta foi utilizar a cópia como uma estratégia legítima de reaproximação com o patrimônio cultural.

Sensibilidade do olhar

A arte e a cultura não se dão naturalmente, mas é da natureza humana construir arte e cultura. Essa construção é um processo que está em constante transformação e diretamente ligada à sensibilidade do olhar. O resultado dessa construção constitui o imaginário de um povo, de uma comunidade ou grupo de pessoas. A proposta levada para os educadores de Catas Altas (MG) foi elaborar um brinquedo que não fizesse parte do repertório local, de modo que re-significassem o que já conheciam.

Quando o novo brinquedo ganhou movimento, além de ampliar o repertório, novos olhares lançou para os brinquedos já conhecidos.

A formação de um repertório de imagens não depende apenas do que o olho captura, mas é também resultado da relação que as pessoas estabelecem com os objetos a partir de suas experiências. Essa relação acontece por ser permeada pelo repertório cultural que resulta na representação simbólica.



Símbolos culturais

Um mesmo elemento da cultura popular presente em várias regiões do país pode se manifestar de diferentes modos, como o boi. Quando os educadores ludovicenses foram convidados a fazer o barangandão, um brinquedo confeccionado com jornal e tiras de papel colorido, as tiras de crepom ganharam movimento embaladas pelas entoadas do Bumba-meu-boi. Por isso, muitos fatores regionais passam a integrar as produções artísticas nas oficinas, revelando aspectos imprevisíveis, que mostram que um mesmo planejamento pode ganhar diferentes desdobramentos de acordo com a cultura local.







Cultura do lugar

As tradições que cada região possui são reconhecidas por suas especificidades. Festas, lendas, brinquedos e artefatos refletem e perpetuam um saber construído. Nas oficinas, o procedimento para fazer renda de bilro, a brincadeira com os bonecos carnavalescos, a transmissão oral de lendas, a habilidade do santeiro incorporam o fazer arte e refletem diretamente nos resultados dos trabalhos.







A primeira oficina de artes visuais realizada em Barão de Cocais (MG), foi elaborada a partir de informações sobre a Pedra Pintada que se encontra na região e uma das atividades foi de desenho de observação da pintura rupestre.

As imagens presentes na pedra eram muitas: figuras de diversas cores e tamanhos, algumas sobrepostas e emaranhadas. À medida que os desenhos eram feitos, imagens que pareciam estar escondidas na pedra se revelavam no papel, o que despertou no grupo hipóteses de um registro de memória social: uma fogueira com pessoas dançando em volta poderia indicar um ritual; o grafismo com repetição de pontos e linhas, um possível sistema numérico. Esse momento propiciou ao grupo relacionar memória pessoal ao conhecimento de arte e também a transformação do olhar.

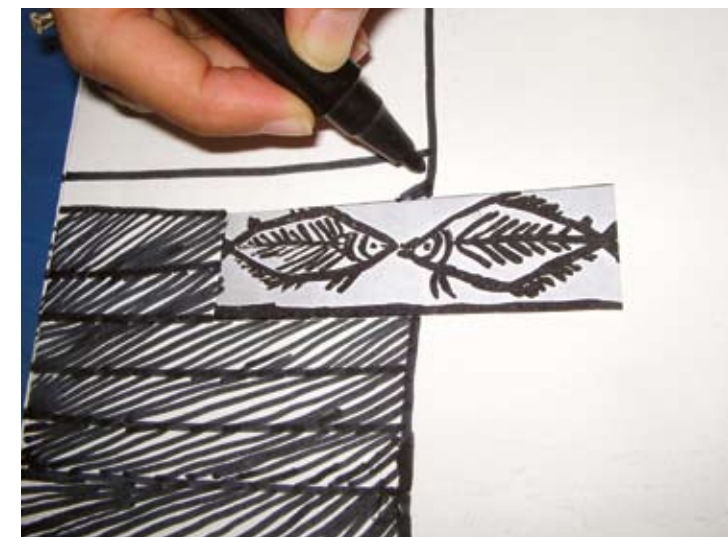


Durante a apreciação, alguns educadores comentaram como estavam diferentes, associando a mudança à secagem da tinta. "Será que são os trabalhos que estão diferentes ou foi o olhar das pessoas que mudou?", provocou a oficina. Bastou formular essa questão para que chovessem depoimentos e contribuições para a reflexão, desde a memória de fazer arte de cada um que se transformou ao longo do processo até a sensação de estar no papel de alunos estimulados e desafiados pela prática artística.



Grafismo indígena

Para os povos indígenas, a pintura corporal tem sempre significados múltiplos, estéticos e simbólicos. Na oficina realizada em Paragominas (PA), a mão foi escolhida como suporte para a criação de grafismos inspirados na cultura indígena.



O uso da repetição de linhas, formas e cores para criação de padrões é outro legado herdado dos povos indígenas, um recurso muito utilizado em adornos de objetos do cotidiano e como estampas de tecidos.



Cores locais

Não é em qualquer lugar que se cria a cor vermelha a partir da semente de urucum, tonalidades de azul e preto extraídos do jenipapo ou roxo da terra. Esses elementos, próprios da natureza brasileira, dão um colorido especial que enriquecem as culturas locais e são também heranças dos índios.

As cores

A professora Nena
Veio de São Paulo (capital)
Nos ensinar um ofício
Que eu nunca vi igual
Misturando todas as cores
Numa arte especial

Fomos todos para fora
Para a oficina começar
Misturando todas as cores
E em nossas mãos se
espalhar.
E unindo com a do colega
Para uma luva ficar

Ela também nos ensinou
O significado das cores
Pois cada uma nos revela
Sentimentos e amores

Elas também
representam
As notas musicais
Notas agudas
Notas graves
Notas tão especiais
E também o arco-íris

Nas mansões celestiais
Receitas foram feitas
Com colheradas
de cada cor
E depois de misturadas
Cada qual fez sua cor
E a elas foram dadas
Nome com que se
identificou
Henry Matisse
Foi ele que nos inspirou

A confeccionar um painel
Que maravilhoso ficou
Cheio de plantas, seres
marinhos

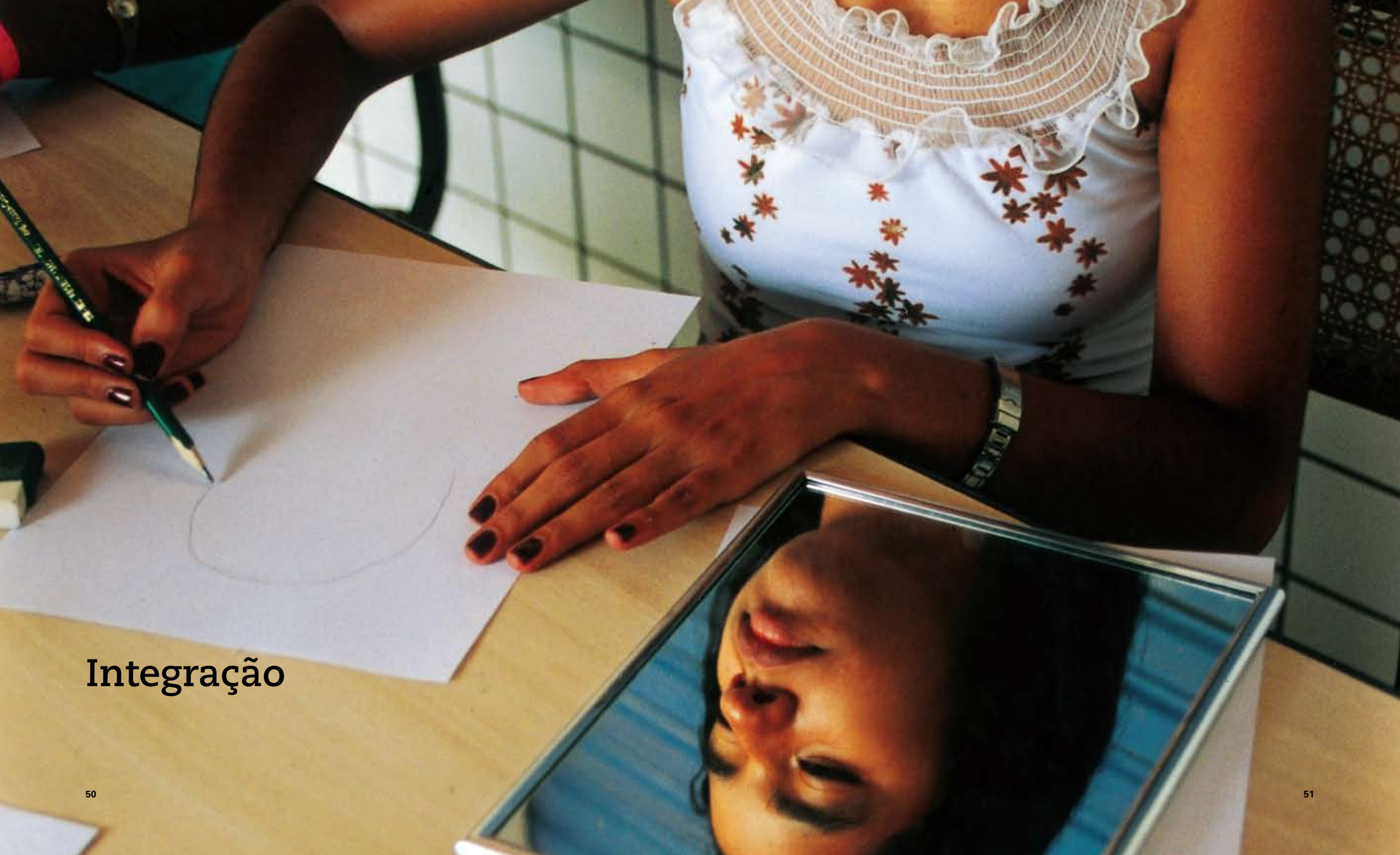
E toda variedade de cor
Esse belíssimo trabalho
Foi assim que terminou
A professora Nena
Quero parabenizar
Pelo seu brilhante trabalho
Que aqui veio mostrar
Compartilhando conosco
Em Paragominas - Pará

Maria Severina da Silva Oliveira – Professora de Paragominas (PA)

Dicionário regional de cores

açaí-do-verão
açaí-popular
azul-saudade
azul-borboleta
azul-da-chuva-que-vai-cair
azul-real
azul-mar
azul-céu
amarelo-bebê
cinza-amanhecer-nublado
cinza-cimento
cinza-televisão
cinza-tempestade
coral
carvão
goiaba-verde
lilás-poesia
lilás-saudade
laranja-verão
marrom-doce-de-leite
marrom-jumento
rosa-mortadela
rosa-alegria
rosa-amor
rosa-cor-de-menina
rosa-doce-amor
salmão
vermelho-bauxita
verde-quartel
verde-atlântico
verde-sumo
verde-lodo
verde-jacaré
verde-paisagem-ao-anoitecer
verde-amazônia
verde-esperança
vermelho-pimenta





Integração



Os participantes das oficinas revelam diferenças individuais e coletivas ao perceber a própria identidade e a do outro e também pertencimentos a coletividades distintas. A oficina é um convite ao encontro consigo mesmo, com os colegas e também com a arte, com referenciais culturais diversos, com o oficineiro e com novos saberes. Esse encontro se dá de maneira integradora e dentro das dimensões pessoal e profissional. A prática artística nas oficinas envolve aspectos humanos que proporcionam esses encontros.

No encontro com a arte paira uma sensação de retiro, um distanciamento do cotidiano que propicia o envolvimento e mergulho no processo criador e de reflexões sobre as concepções estéticas de cada um e dos grupos envolvidos. O ato criador gera um sentimento de descoberta do próprio potencial diante da realização do fazer artístico. A beleza e a força dessa descoberta ganham sentido numa atitude que envolve ações objetivas e subjetivas no

fazer, no apreciar e no refletir arte, motivando uma reflexão sobre o lugar de cada um na comunidade local e no mundo.

A arte possibilita dar forma própria a idéias e pensamentos. Uma mesma atividade proposta para um grupo chega a resultados diferenciados quando se faz um convite ao diálogo entre as individualidades, que são também reflexos de coletividades diversas. Cada um tem seu fazer e seu olhar, possui um traço, um repertório de conhecimentos, estabelece relações particulares com o mundo e com a arte.

O que se cria e se revela a partir dessa experiência passa a ser extensão de quem a vivenciou, o que eleva a auto-estima e aciona um processo de transformação de si mesmo e do mundo em que vive, reconhecendo-se capaz de realizar algo próprio e também transformar a sua realidade. A integração da diversidade constituída por marcas pessoais, coletivas e pelos distintos olhares é considerada um valor para as oficinas.





O fazer

Fazer arte é muito mais que executar uma tarefa. As oficinas convidam educadores a se relacionar com uma prática permeada pela reflexão e apreciação. Durante o processo do fazer, osicineiros ajudam a tornar observáveis as imagens que vão se revelando aos poucos por meio de traços, cores e formas, enquanto se descobrem as possibilidades expressivas dos materiais. Aprender a fazer é também colocar os próprios e os novos conhecimentos em jogo, dialogar com diferentes concepções estéticas, se sentir capaz de tornar visível uma intencionalidade, de deixar-se imaginar, perceber, intuir, sensibilizar, emocionar, de tornar possível interferir na realidade com idéias inovadoras e ao mesmo tempo valorizar elementos históricos.

Da experimentação, da relação que se estabelece no processo do fazer arte e de seu resultado, emerge uma experiência significativa que envolve as pessoas integralmente.





Olhares

Apreciar em grupo os trabalhos realizados nas oficinas é um modo de estimular os educadores a entrar em contato com a arte através dos diferentes olhares.

A apreciação propicia reconhecer-se em seu próprio trabalho e ao mesmo tempo reconhecer o outro. É estar diante das identidades individuais e coletivas, das marcas pessoais, da poética individual e coletiva, numa verdadeira troca de experiências em que cada um compreende como se comporta o olhar do outro e o seu próprio. O importante na apreciação é poder argumentar com as diferentes opiniões, uma atitude que colabora para a ampliação de repertório de conhecimentos e para a auto-estima.

O reconhecimento do trabalho individual pelo grupo e a garantia de ser um espaço onde se expressam opiniões sobre cada trabalho são fundamentos da apreciação. Olhar é dar sentido ao que vemos, ultrapassando o ato de ver.





Podemos ver uma flor, perceber suas propriedades visuais e entender como é formada. O que os olhos capturam com o olhar não é apenas a aparência da flor. Quando olhamos atribuímos sentido ao que está sendo visto, porque o olhar forma uma imagem particular, que encontra referências nas diversas culturas humanas, cada uma, por sua vez, subjetiva, única. Trata-se de uma representação cultural e pessoal, e não mais da flor em si. As atividades nas oficinas valorizam os diferentes olhares, evidenciando que para fazer arte cada um precisa redescobrir suas origens, pertencimentos e particularidades. Mesmo que todos olhem para uma mesma flor, o resultado será um jardim de diversas flores.

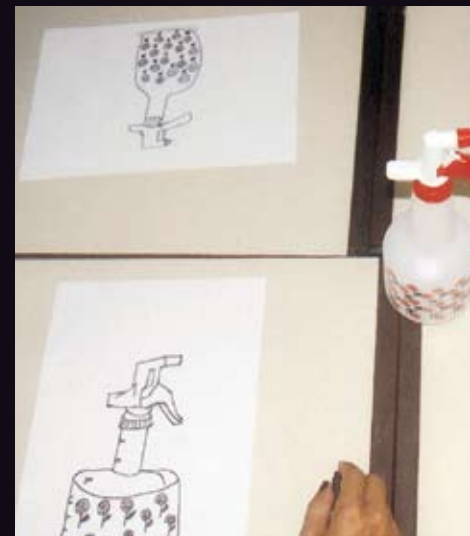


É da natureza das artes visuais ativar a imaginação por meio do olhar. Quando estamos diante de uma imagem, as possibilidades de investigá-la são inúmeras.

Na oficina realizada em São Luís (MA), os educadores mergulharam nessa experiência a partir da produção de uma cena. Foi criado um quadro vivo, com personagens, figurinos, adereços, maquiagem e outros objetos que serviram de modelo a ser pintado. As pinturas retratam o olhar pessoal. Alguns mostraram maior interesse na expressividade dos rostos, outros na composição de cores e ambientação da cena.

Os educadores de Pindaré Mirim (MA) realizaram desenhos de observação a partir de um mesmo objeto. A idéia era revelar os diferentes olhares. Se considerarmos que o desenho é o modo de olhar de cada um, então não existe uma única maneira de desenhar, mas o modo pessoal de fazê-lo.

O desenho revela as identidades, concepções de mundo.





Auto-retrato

Fazer um auto-retrato não é tarefa simples. A proposta de retratar-se tem um caráter mais autobiográfico, de poder se enxergar e refletir sobre si mesmo, evocando um contexto individual, mas ao mesmo tempo de pertencimento a grupos familiares e culturais distintos.

É diferente olhar-se no espelho como numa ação cotidiana, para escovar os dentes, fazer a barba, pentear o cabelo, colocar um brinco.

A idéia é olhar para a própria imagem refletida no espelho. Essa ação, podemos dizer, já é um auto-retrato, porque instiga um olhar reflexivo não só sobre a imagem apresentada, mas também do que se pode projetar sobre ela.

A beleza do auto-retrato está no processo: observar no espelho a imagem refletida, retratar-se e observar-se de novo na imagem produzida. Fazer um auto-retrato é tarefa complexa.



Repertório

Pode-se reconhecer que todo trabalho realizado retrata um pouco de quem o fez. São marcas pessoais que se manifestam nos procedimentos do fazer e nos temas escolhidos. As propostas das oficinas dão margem para que o repertório pessoal seja matéria-prima importante e para que esse repertório seja re-significado nesse processo de criação artística.

Operações conhecidas para realizar trabalhos em oficinas, tais como corte e costura, são utilizadas para cumprir outra função. A operação pode ser a mesma, mas o contexto é outro. O que foi aprendido um dia para fazer roupas agora pode ser utilizado como linguagem expressiva.

Isso também acontece na escolha dos temas. Quando um objeto do cotidiano se torna referência para a realização de um trabalho de arte, essa escolha evidencia uma relação afetiva, como é o caso da bandeja com bule, pires e xícaras que foram criados sem a intenção de ser objetos utilitários.

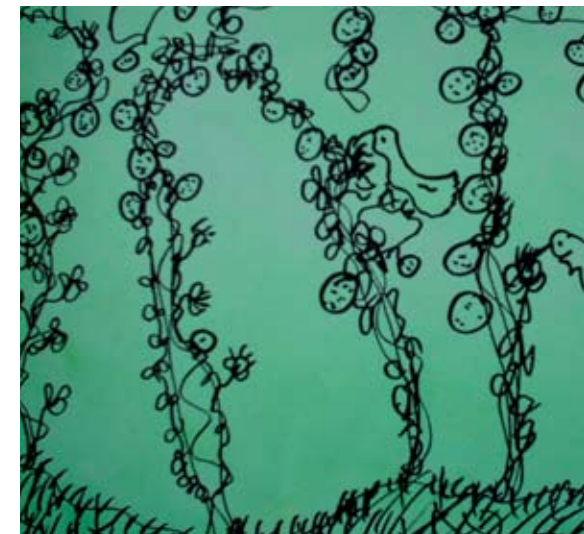


Memória

O interesse para o olhar, o repertório e a memória sempre estão presentes nas oficinas por serem entendidos como primeira abordagem da identidade pessoal. A memória também é considerada matéria-prima para a produção artística. Cada um possui uma história de vida que constitui a memória. Mais do que reter experiências vividas, a memória guarda fatos significativos relacionados à afetividade, a valores e conhecimentos, às coletividades que referenciam as experiências de vida.

Muitas vezes, diante de uma nova experiência, estímulos externos podem acionar a memória e revelar lembranças de algo que estava guardado em nós. A lembrança reúne o passado com o presente num mesmo tempo, o que possibilita estabelecer relações significativas entre o novo e o já conhecido.

Por ser a memória constituída de experiências pessoais, um mesmo fato vivenciado por diferentes pessoas propicia lembranças muito particulares, específicas de cada um. Um mesmo cheiro, uma mesma cor, uma mesma música podem ser percebidos segundo as referências de cada pessoa.





Processo

O percurso criador pessoal pode ter um início, mas não tem fim. É um processo, um movimento contínuo. As oficinas contribuem para que esse movimento seja um convite aos educadores a dar um passo a mais a partir de onde se encontram. Para isso, é preciso que cada um reconheça quais são as marcas coletivas e pessoais que constituem sua própria identidade. Ao mesmo tempo, a partir desse repertório, conhecer como ele é re-significado e ampliado na prática e na transformação do olhar e da percepção, que se sensibiliza para o que antes não era percebido. Isso ocorre quando se estabelece uma relação habitual com a arte por meio da apreciação e do fazer, mesmo sem necessariamente ser artista. O percurso criador em arte permite às pessoas conectarem suas experiências numa integração de aprendizagens. Embora o percurso seja individual, sua construção se dá por meio de interações sucessivas com pessoas e com as culturas em experiências imagéticas por diferentes meios: TV, computador, gibis, rótulos, estampas, obras de arte etc.

Valorizar a autoria desse processo é legitimar a singularidade do percurso individual de cada pessoa.





Encantamento

Muitas vezes, as propostas das oficinas fazem com que os educadores reajam como se a tarefa fosse impossível. Essa impossibilidade está relacionada diretamente com a experiência, devido à falta de hábito do fazer. Mas, a partir do momento em que se inicia a produção, o que era entendido como dificuldade passa a ser vivido como desafio, pelo fato de que as propostas são pensadas de maneira a desencadear um processo criador, composto a partir dos interesses e percepções dos próprios educadores, e não uma mera execução ou reprodução de tarefa já predeterminada.

O processo não se dá nem antes nem depois da produção, mas enquanto se produz, revelando caminhos para descobertas, escolhas, soluções, procedimentos, possibilidades. Reconhecer o próprio processo leva ao encantamento. Encantar-se com a surpresa de se sentir capaz de produzir algo belo. Encantar-se com o que está além das aparências. Encantar-se com a descoberta das singularidades e das diferenças.

O que era considerado encantado torna-se encantador.



Encontros

A troca nas oficinas se dá nas relações que se estabelecem entre educadores e deles com a arte. Descobertas, certezas e incertezas, saberes, informações se relacionam com as dimensões pessoal e profissional. Quando as experiências são compartilhadas se transformam em conhecimento, tanto individual quanto coletivo. Isso ocorre porque a troca é uma ação de natureza integradora.





Recursos





Realizar oficinas de artes visuais pelo Escola que Vale requer uma pesquisa acerca dos recursos disponíveis nos municípios participantes e a busca de propostas que instiguem os educadores e seus alunos a descobrir e investigar outros. Recursos são os meios implicados no conhecimento da arte em relação aos materiais, ferramentas para olhar e imagens para apreciar.

Existe uma diferença entre se apropriar de técnicas e desenvolver tecnologia. O desenvolvimento tecnológico em arte é uma história muito antiga. Grandes descobertas surgiram desde os tempos dos homens primitivos, quando criaram um modo de juntar pigmentos naturais com gordura animal e transformar a mistura em tintas para pintar as paredes das cavernas. A partir desses conhecimentos tecnológicos, nos quatro cantos do mundo, várias civilizações desenvolveram seus materiais, ou seja, desenvolveram tecnologia, tais como tintas, pincéis e telas, investigando, explorando e transformando recursos naturais aos quais tinham acesso. Desenvolver tecnologia para o trabalho artístico é adentrar num vasto campo de possibilidades, que envolve desde materiais artesanais até os mais industrializados.

Também foram inventadas ferramentas para o olhar, instrumentos que estendem, ampliam, focam e auxiliam a observação, como a câmara escura, que foi criada há muito tempo para realização de desenhos garantindo exatidão nas proporções e perspectiva. Todo esse esforço gerou desenvolvimento tecnológico e procedimentos para a confecção e utilização dos meios, suportes e ferramentas, que são as técnicas.

Na maioria dos municípios com os quais trabalhamos, os recursos naturais são os mais evidentes. Os olhos desavisados, quando banhados pela exuberância da natureza, despertam o desejo de utilizá-la: como fornecedora de matéria, como suporte e como inspiração.

Em arte, os planos da idéia e da prática, da técnica e da tecnologia se complementam e não existe uma ordem hierárquica entre elas. A técnica viabiliza a materialização de uma idéia. A tecnologia viabiliza satisfazer desejos e sonhos, de encontrar soluções para a criatividade. As duas definições combinam muito bem com a arte, porque aprender arte não é apenas um saber técnico, mas se utilizar de procedimentos técnicos com inventividade.





Cozinha da arte

A produção artesanal de materiais artísticos pressupõe a transformação da matéria. Essa transformação ocorre na cozinha da arte: lugar onde se coloca a mão na massa para manusear, combinar, relacionar, elaborar novas receitas, novos meios e novos modos de fazer. Cada município pode propiciar uma cozinha diferenciada, elaborando um conjunto de receitas com temperos especiais, misturando uma pitada daquilo que o oficineiro traz com outra que é própria do município. Por vezes, essas receitas se tornam mais estrangeiras, outras vezes, mais típicas e regionais. Este é um dos segredos da cozinha da arte: experimentar procedimentos com criatividade para desenvolver tecnologia.





Bons frutos... Boas colheitas!

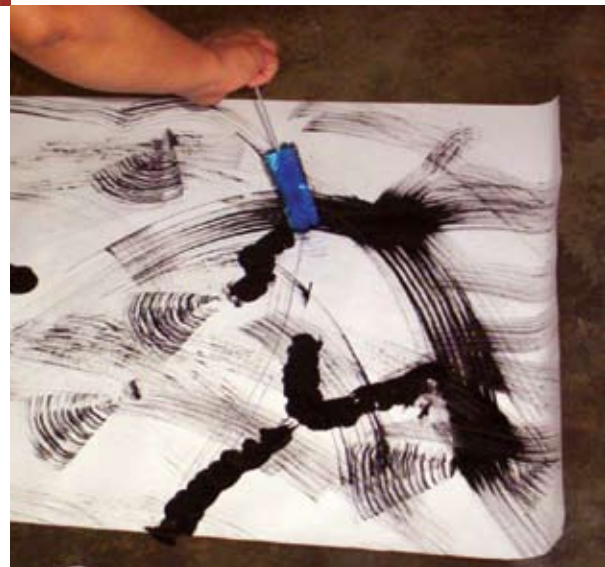
Sandra dos Santos é professora em Parauapebas (PA). Sua participação nas oficinas despertou a vontade de experimentar as receitas que aprendeu e inventar outras tantas. Elaborou seu próprio receituário de materiais alternativos e divulgou seus conhecimentos em várias escolas da região.

"Temos colhido bons frutos no pomar dos oficineiros do CEDAC, pesquisando em nosso entorno a flora, coletando sementes, folhas, óleos; no solo, retirando pigmentos ricos e diversos em tonalidades e texturas; na fauna, observando formas e cores.

Um pouco do que foi posto em prática em algumas das oficinas e projetos de artes visuais da rede municipal teve boa aceitação pelos professores e alunos. Os professores ampliaram o repertório de materiais alternativos, geralmente desprezados, e os alunos por terem estendido a prática da sala de aula até em casa.

Isso é pouco diante do muito que podemos descobrir na prática do dia-a-dia. Substituir materiais e ferramentas convencionais por alternativos vem contribuindo muito para a prática pedagógica e a reutilização de lixo que, na natureza, levaria gerações para se deteriorar."

Sandra dos Santos – Professora de Parauapebas (PA)





A sofisticação de um resultado em artes visuais não é necessariamente conseqüência dos meios, suportes e ferramentas utilizados, mas de como lidar com eles. Conhecer receitas e técnicas em artes é aprender maneiras de produzir e construir procedimentos para trabalhar com as especificidades e possibilidades dos materiais. Para obter um resultado esperado de um determinado material é importante conhecer os modos de sua utilização.

"Aprender a segurar um pincel é uma aprendizagem simples, enquanto aprender a desenhar é uma aprendizagem complexa, embora não se deva jamais esquecer que o estado de espírito com o qual se realizam as coisas, mesmo as mais simples e, portanto, também o simples ato de segurar um pincel influi no resultado."

Giordana Rabitti, em *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*





Para obter a transparência de uma aquarela é preciso seguir procedimentos específicos. Mas isso não significa que enquanto utilizamos e nos apropriamos dessa técnica nosso próprio fazer não revele outros modos de fazer. Portanto, estar munido de conhecimentos técnicos é também possibilitar exercícios para a inventividade.

"Tudo pode ser material para fazer arte, basta descobrir ou criar um bom jeito de usar. As receitas e técnicas não devem ser encaradas como uma verdade fechada ou única. É possível e desejável que se encontrem outras e novas soluções para um mesmo desafio ao pesquisar e arriscar novas tentativas..."

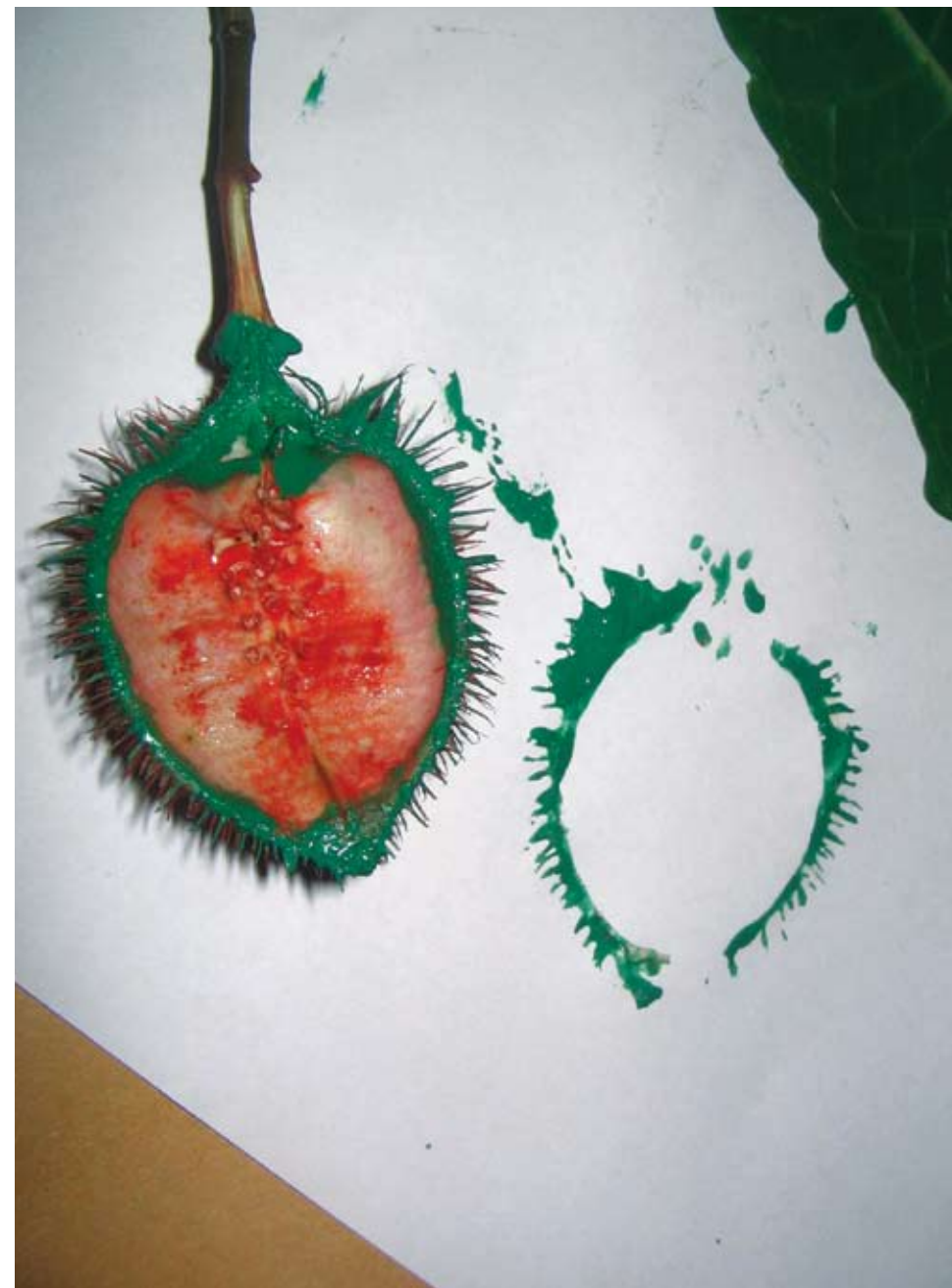
Giordana Rabitti, em *À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia*





Recursos naturais

Seguir uma mesma receita para a fabricação de tintas a partir de recursos naturais poderá gerar resultados diferentes segundo a disponibilidade de matéria-prima que há em cada lugar. A criação desse tipo de tinta, seja em qualquer lugar do mundo, se dá com o manuseio de pigmentos minerais, vegetais e até mesmo de origem animal. Há lugares em que a semente de urucum é a mais apropriada para criar uma cor vermelha, em outros, é a terra.





Em Ipixuna do Pará (PA), o recurso que a natureza local generosamente oferece vem da terra. Uma grande variedade de pigmentos formam paisagens multicoloridas. Terras roxa, branca, marrom, amarela, rosa, vermelha, ocre foram utilizadas para que educadores produzissem tintas e as experimentassem sobre papel.

Do leito do rio, foi extraída a tabatinga – terra branca e de textura cremosa – para experimentar procedimentos de modelagem.

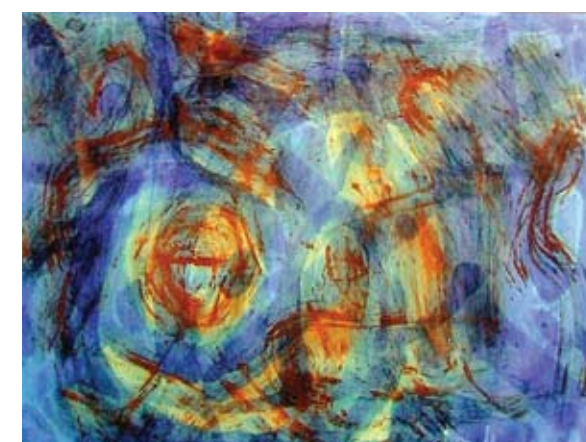
"Para o olhar estrangeiro essas terras coloridas são consideradas um tesouro. E foi o que aconteceu, experimentamos riscar com as pedras do rio, que eram vermelhas e, ainda molhadas, davam para desenhar. Decidimos que a oficina seria realizada ali mesmo, no local onde estavam as terras que utilizaríamos para fabricar materiais artísticos."

Valéria Pimentel – Oficineira





A têmpera a ovo é uma tinta muito antiga, utilizada desde a Idade Média. Os ingredientes para sua confecção são facilmente encontrados, o que faz deste um material praticamente universal. O aglutinante dessa tinta, que é o elemento que funciona como fixador da cor, é a gema de ovo. Os pigmentos podem variar: terra, pó xadrez, anilina, entre outros. De Norte a Sul, muitas oficinas de produção de têmpera foram realizadas.





"Uma vez vi uma mina de caulim no Pará. A enorme cavidade branca irradiando claridade no meio da mata me fez, como artista, desejar encontrar um uso poético para esse recurso.

A chance surgiu em Barcarena (PA), em uma oficina de produção de materiais artísticos. A partir de amostras brutas do minério, pigmentos e CMC (carboximetilcelulose), foi possível elaborar um giz de excelente qualidade, usado pelos próprios participantes da oficina em sensíveis exercícios de arte."

Alex Cerveny – Oficineiro



Fabricação de giz pastel

O caulim é um dos minérios mais abundantes em quase todo o planeta. Na arte, se mostra eficiente na composição do giz pastel por suas qualidades plásticas. Há séculos o *kao ling* – colina alta – é retirado no norte da China para o fabrico da porcelana. Na Nigéria, é colocado claramente como elemento sagrado, essencial para os rituais de purificação. Inúmeros outros grupos africanos usam o caulim na pintura corporal ou na pintura de máscaras e objetos rituais, quase sempre com um objetivo purificador ou mágico. No sertão do Brasil a herança aparece no costume de pintar e repintar com o branco do caulim os fogões a lenha.





Revistas, jornais e papéis podem ser reutilizados para a fabricação de papel reciclado. Antes do início da oficina que aconteceu em Paragominas (PA), os educadores por alguns momentos pensaram estar diante de uma aula de culinária. Liquidificador, peneiras, bacias, panos de prato estavam dispostos para o preparo da polpa. Os papéis foram picados e colocados de molho para ser triturados no liquidificador. Retalhos de papéis coloridos ou elementos da natureza deram o toque pessoal.





Muitas oficinas são planejadas para trabalhar com a especificidade de um material e seus procedimentos técnicos. Um exemplo disso se deu no município de João Neiva (ES), numa seqüência em que os educadores conheceram, produziram e experimentaram o papel machê, uma massa para modelagem muito versátil e de fácil produção.

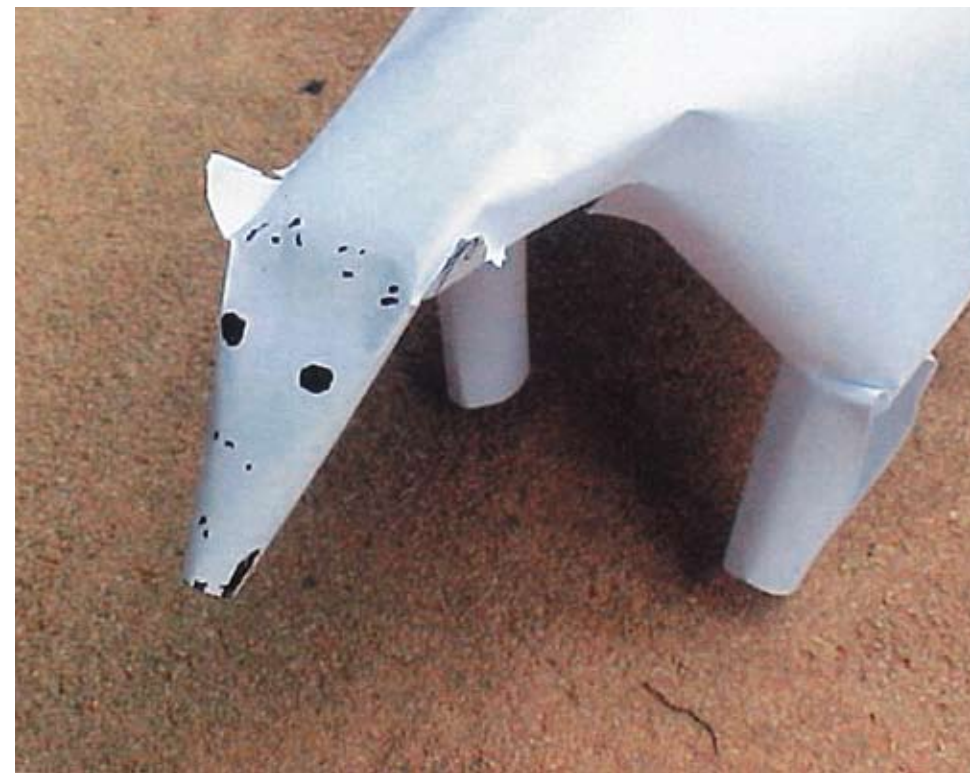


O bidimensional pode virar tridimensional. Folhas de jornais e papelão, nas mãos de habilidosos educadores de Curionópolis (PA) e de Parauapebas (PA), foram utilizadas como recurso para a construção de esculturas e brinquedos em grandes dimensões.



O papel sulfite, material tão presente no cotidiano escolar, em Barcarena (PA), serviu para a realização de esculturas. O desafio estava justamente na simplicidade da proposta. A sofisticação do trabalho ficou por conta do criador da escultura.

A madeira, utilizada industrialmente para produzir papel, também pode ser material para fazer esculturas. A madeira do buriti, planta originária da região norte de nosso país e de fácil manuseio, foi cuidadosamente cortada e utilizada na construção de pequenas esculturas, que podem ter ainda a função de brinquedos.





A argila, por sua plasticidade, traz em si a vontade de dar forma ao barro bruto. É um dos materiais mais utilizados desde a pré-história para a modelagem de artefatos e esculturas. Nesta oficina em Governador Valadares (MG), mãos ágeis rapidamente foram à matéria, como se estivessem sob o efeito de um magnetismo, talvez movidos por uma força ancestral.

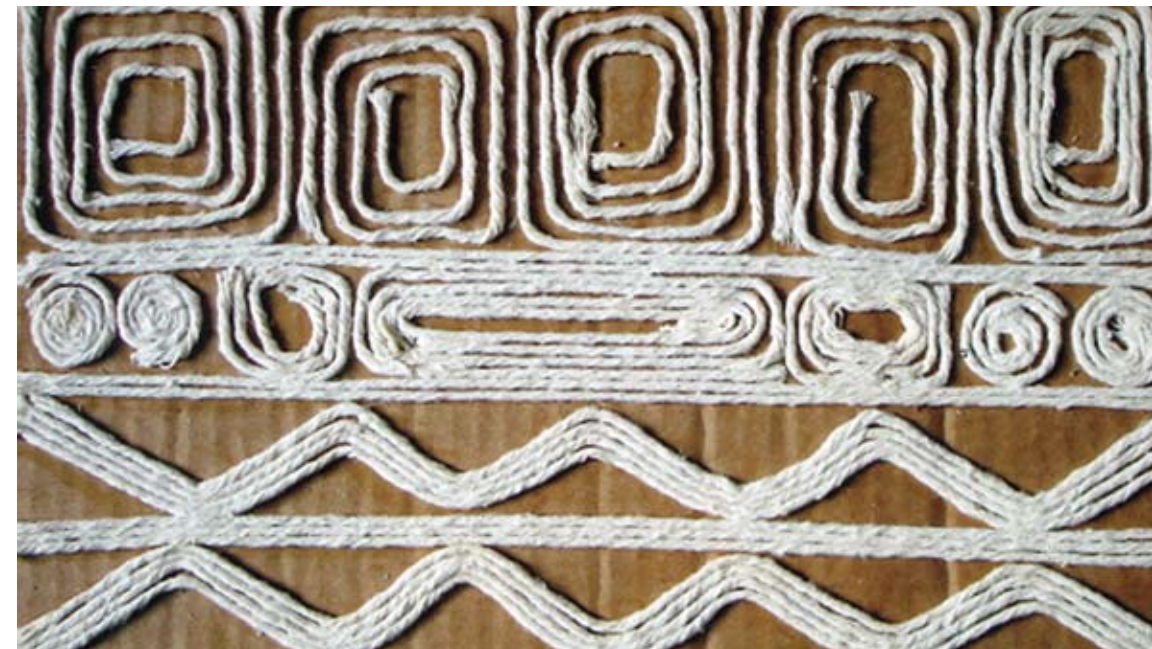


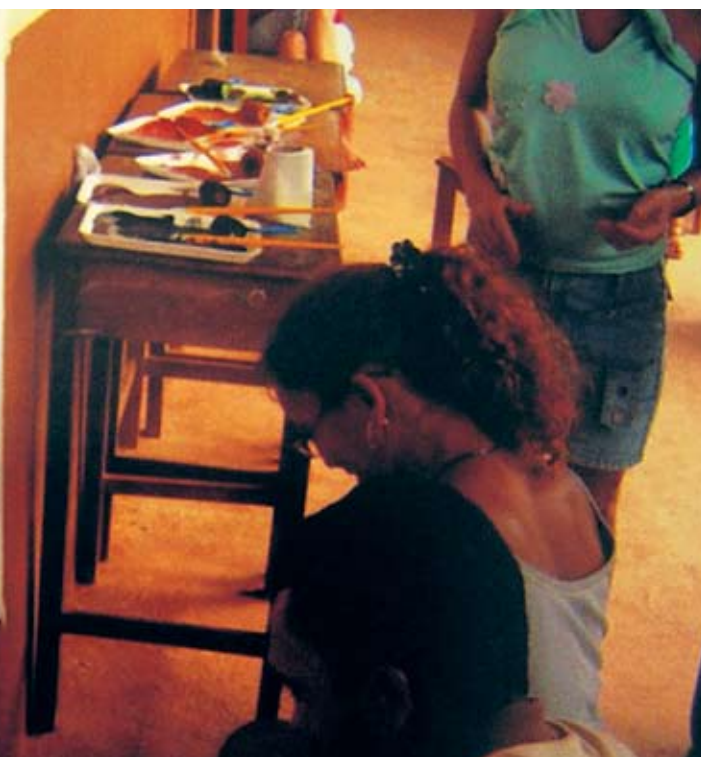
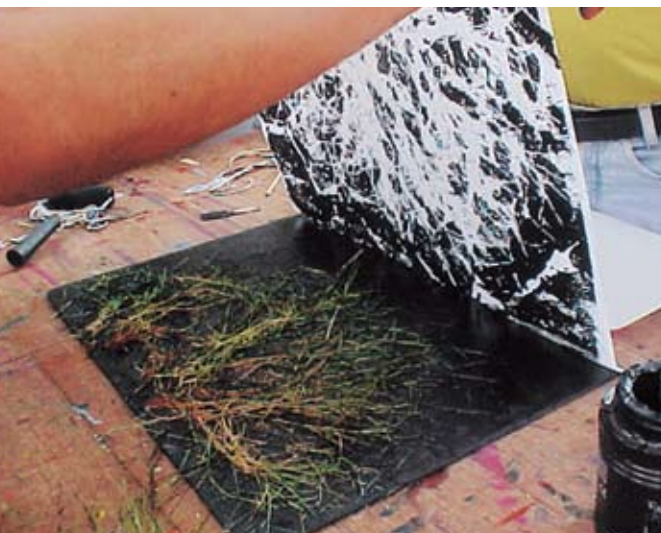


Gravura

A reprodução de uma mesma imagem viabiliza sua circulação por diferentes lugares ao mesmo tempo. Na arte, a gravura, uma das primeiras técnicas de reprodução de imagem, foi desenvolvida por antigas civilizações do Oriente e do Ocidente. A autoria da gravura está principalmente na elaboração e no uso de uma matriz.

A matriz contém a imagem que se quer reproduzir e o processo da gravura é imprimir por diversas vezes essa imagem gravada. A matriz pode ser criada ou encontrada pronta.





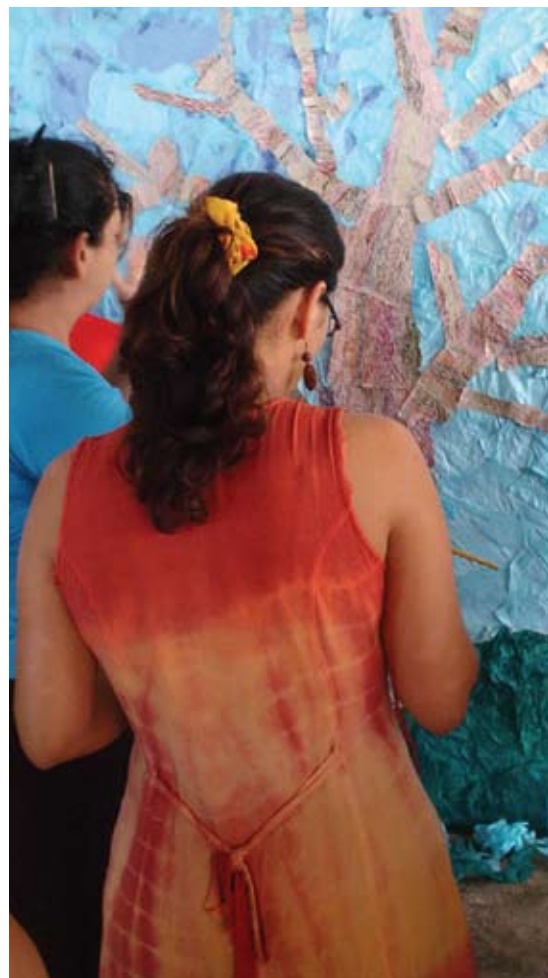
A matriz naturalmente pronta pode ser encontrada nas folhas de plantas, nos troncos de árvores e pedaços de madeira, nas cascas de frutos, sementes, pedras e até mesmo na própria mão. Objetos manufaturados artesanalmente também apresentam interessantes matrizes, como tramas de palha, cordas e barbantes, utensílios de barro e tudo o mais que possua uma textura possível de imprimir.

Em nosso cotidiano, somos cercados por produtos industrializados que podem ser transformados em matrizes: acessórios de vestuários e calçados, utensílios domésticos e de trabalho, revestimentos de paredes e pisos.

Podemos imprimir a textura desses objetos utilizando os procedimentos da frotagem, uma técnica muito simples, que consiste em colocar o papel sobre a textura e imprimir utilizando algum material riscante, movimentando-o sob pressão. Pode-se, também, imprimi-la com rolo e tinta guache em pouca quantidade.



Em Canaã dos Carajás (PA), os educadores construíram um painel coletivo com colagem de papéis e desenhos. A árvore foi o tema do painel e os educadores, munidos de papel jornal e giz de cera, foram até o jardim da escola para frotar as texturas dos troncos das árvores e depois integrar os resultados na composição do painel.





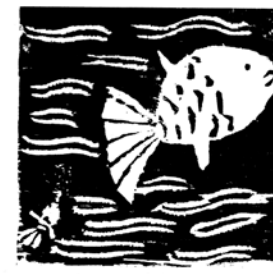
Criar uma matriz requer primeiro a escolha de um suporte que permita gravar linhas e texturas. Esse suporte pode ser encontrado na natureza, como a madeira, que deu origem à xilogravura, uma técnica tradicionalmente utilizada na literatura de cordel.



QUEM VÊ CARA NÃO
VÊ CORAÇÃO



FICA SEMPRE UM POUCO
DE PERFUME NAS MÃOS
QUE OFERECEM ROSAS.



O QUE TATURETA
SINGARUPOTE
(FILHO DE PEIXE)
PEIXINHO É



SE QUERES VIVER POR
MUITO TEMPO GUARDE UM
POUCO DE VINHO E UM
AMIGO



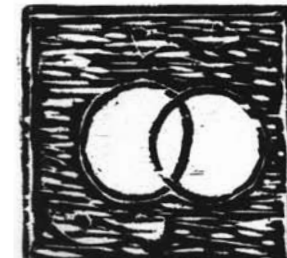
DE PENSAR MORREU UM
BURRO



SACO VAZIO NÃO PARA
EM DÉ



DE MÉDICO É LÓUCO
TODO MUNDO TEM UM POUCO



A UNIÃO FAZ A FORÇA



QUEM CANTA SEUS MALES
ESPANTA



A argila também pode ser utilizada como matriz natural. Depois de esticada e preparada como uma placa, pode ser gravada com palitos, galhos e outras ferramentas pontiagudas, formando sulcos em baixo-relevo. Em Baixo Guandu (ES), a proposta era imprimir os auto-retratos sobre tecido, suporte que absorve muito bem a tinta e apresenta certa transparência quando exposto.

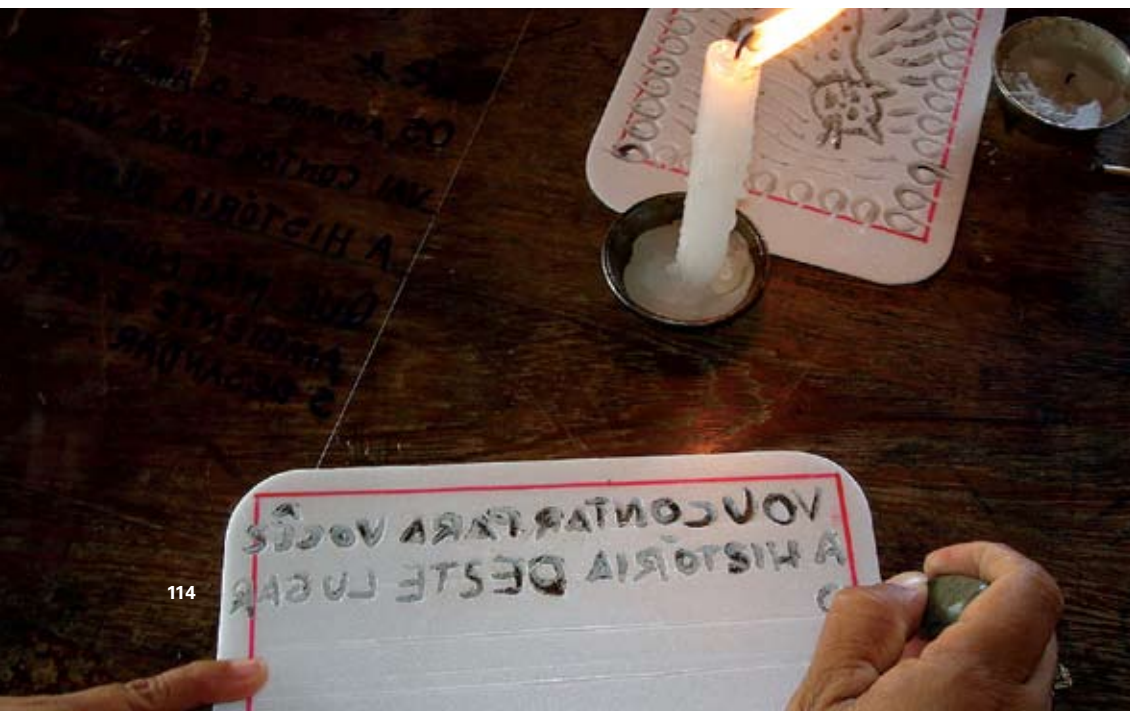


Outro material utilizado nas oficinas para a realização de matrizes é o isopor. São bandejas usadas em embalagens que podem ser reaproveitadas na criação de matrizes.





Para gravar na matriz de isopor, é possível criar ferramentas de diferentes formatos, feitas de arame e massa de durepóxi. Quando a ponta dessas ferramentas é aquecida, ao tocar o isopor deixa marcas em baixo-relevo.





Carimbos

A borracha de apagar, pedras e legumes, podem ser matrizes para a realização de carimbos, possibilitando a multiplicação da imagem para estampar diferentes superfícies.



Seleção e organização de materiais

O lugar em que se realizam as atividades artísticas também pode ser considerado um campo de coleta. Os materiais podem variar desde os mais naturais até os mais artificiais, do mais artesanal ao mais industrializado. As possibilidades são inúmeras, mas tanto a seleção quanto a organização desses materiais são determinantes para o processo de produção.





"Ofereci frascos plásticos para os professores e propus uma busca por materiais que pudessem ser usados no nosso ateliê de colagem. Saímos pelas ruas coletando objetos, fomos até o rio e voltamos para organizar o ateliê. Obtivemos uma mesa maravilhosamente atraente e bem organizada. Propor a construção de um espaço de trabalho – um ateliê – facilitador e interessante, organizando objetos encontrados pelos próprios participantes, mostrou-se um encaminhamento revelador de novos recursos para a prática artística."

Marcus Galan – Oficineiro





Muitos recursos encontrados para a produção artística resultam de um olhar investigativo. Por meio da investigação, elementos da natureza e objetos do cotidiano ganham outro significado.

Sensibilizar o olhar para que o entorno seja visto como um campo de possibilidades, e conseqüentemente coletar, selecionar e organizar os recursos encontrados, já é um procedimento artístico. As ofertas de meios, suportes e ferramentas podem estar em qualquer lugar: no pátio, no jardim, na rua e na praça. Com a matéria-prima em mãos, cada um descobre um modo de fazer.



Para montagem de pincéis podem ser utilizados plantas, penas de galinha, crina de cavalo e tantos outros recursos. Para a fabricação dos pincéis, nenhuma instrução técnica precisa ser dada, cada um pode imaginar o que e como pode ser feito. Algumas oficinas para a confecção dessas ferramentas foram realizadas em Paragominas (PA), Governador Valadares (MG) e Alto Alegre do Pindaré (MA).





A natureza como suporte

A natureza pode ser simultaneamente meio e suporte para a realização artística, e nesse caso há uma coincidência entre o campo de coleta e o campo de ação.

Em Fortalezinha (PA), toda a comunidade participou de uma ação de intervenção na natureza. Coletaram folhas, galhos e frutos para fazer visível uma enorme silhueta de figura humana sobre o chão de terra batida. Todos que passavam se maravilhavam com a dimensão do personagem Gulliver, que, além de passar a povoar o imaginário dos participantes da oficina, passou a habitar o chão dessa comunidade ribeirinha.





Em Arari (MA), os educadores foram tocados por uma intensa experiência de realizar um trabalho artístico ao longo do rio. Ali mesmo, nas margens do Rio Mearim, os educadores organizados em grupos foram convocados a coletar e reorganizar elementos da natureza. Alguns redesenharam as marcas das águas sobre a areia com folhas de diferentes cores e tamanhos. Outros escolheram flores para compor uma linha que se destacava na superfície. Intervenções sutis, mas carregadas de força poética.



Natureza como fonte de inspiração

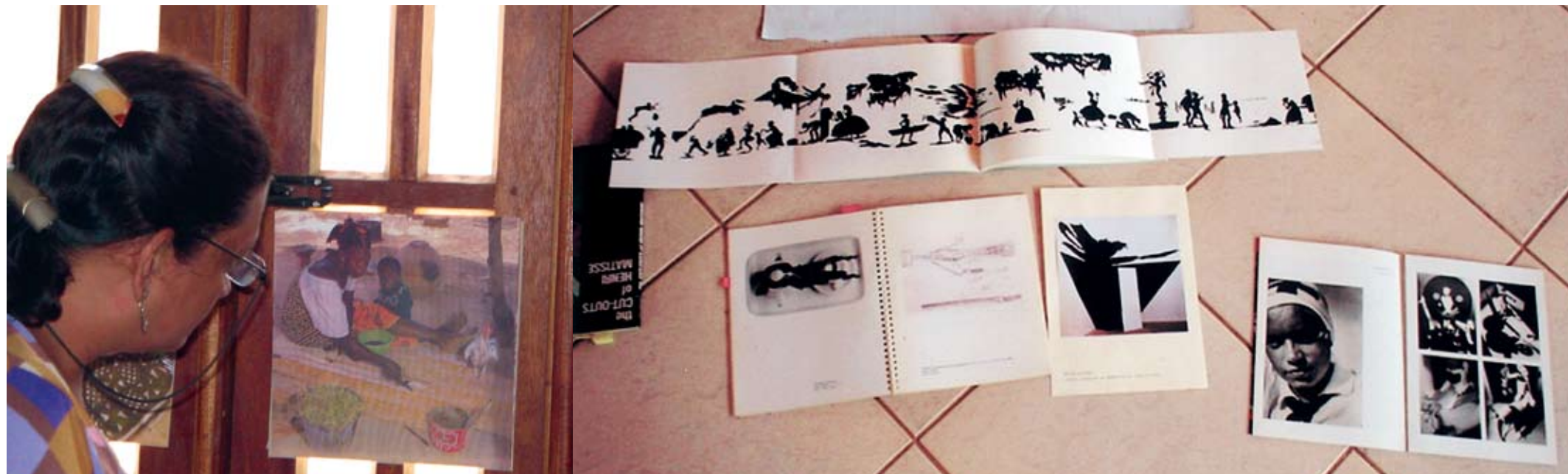
A fauna e a flora sempre foram e sempre serão exploradas pelo olhar do homem para a produção artística. Quando os educadores de Belo Vale (MG) foram desafiados a realizar desenhos de observação de árvores, puderam descobrir que a natureza também pode ser vista como um recurso para ampliar seus conhecimentos artísticos.



Contatos com a arte

Levar para as oficinas imagens a serem apreciadas, desde reproduções artísticas de diferentes épocas e lugares até estampas de papéis de presente, possibilita entrar em contato com a cultura visual em sua variada produção. A imagem é um potente recurso para ampliação do olhar, que por meio da investigação faz descobrir suas diferentes qualidades expressivas e técnicas.

Para criar situações de contato com a imagem, muitosicineiros e educadores, de acordo com o tema das propostas, reúnem em uma caixa imagens de cartões-postais, revistas e livros, e até mesmo pequenos objetos, uma estratégia carinhosamente denominada de minimuseu. Esse pequeno universo de imagens provoca a imaginação, possibilita visitar lugares e épocas longínquas, pela janela do olhar.





Ferramentas de olhar

As mudanças nos modos de olhar podem se dar com o hábito de apreciar imagens e também com a utilização de ferramentas prontas e construídas que funcionam como extensão do olho.

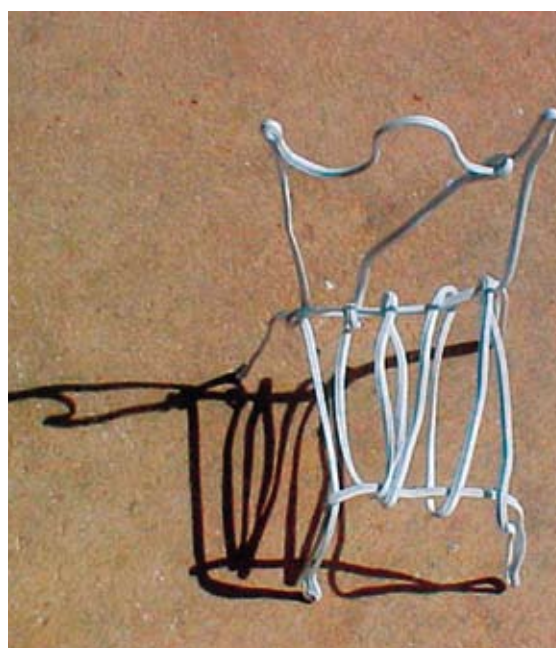
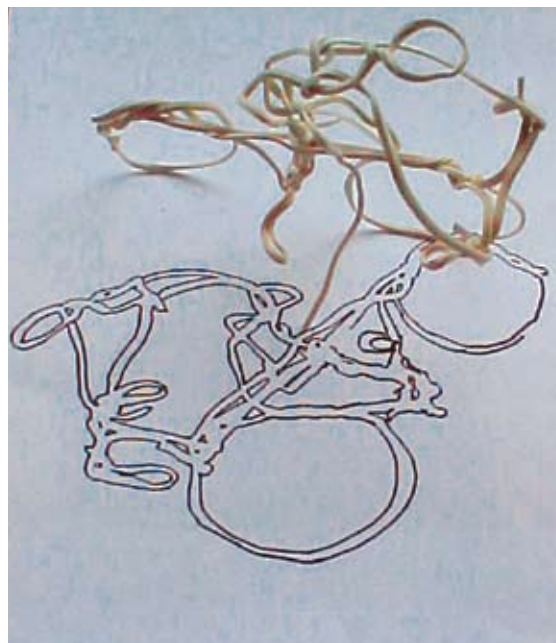


A lupa, ferramenta que amplia nossa visão, pode ser um recurso útil na realização de trabalhos que exigem a observação. Com ela, podemos perceber detalhes invisíveis a olho nu.

O visor, ferramenta que seleciona o campo de visão, é um tipo de moldura que define o enquadramento e recorta uma parte do todo a ser observado. Tanto a lupa quanto o visor são recursos muito utilizados nas oficinas para o desenho de observação. Filtros óticos são ferramentas criadas pelos oficinairos para provocar estímulos que resultam em novas visualidades, alterando a visão, e não o objeto visto. Essa ferramenta é um recurso que evidencia a possibilidade da arte em criar novas imagens.

Com vendas nos olhos, só pelo tato, é possível sentir as texturas de objetos na busca de uma forma de representá-las graficamente: mais um recurso para ampliar as experiências com o desenho.

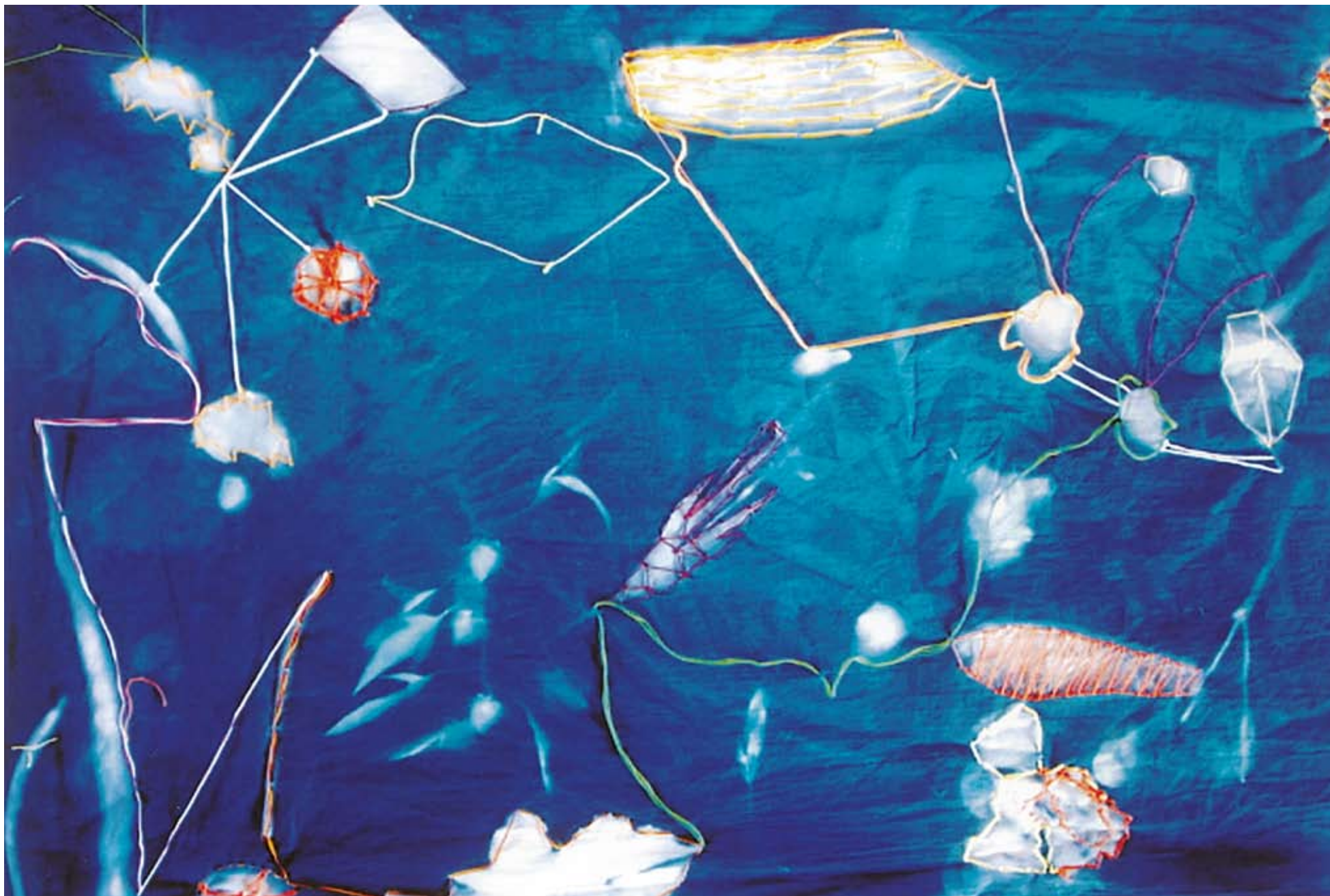




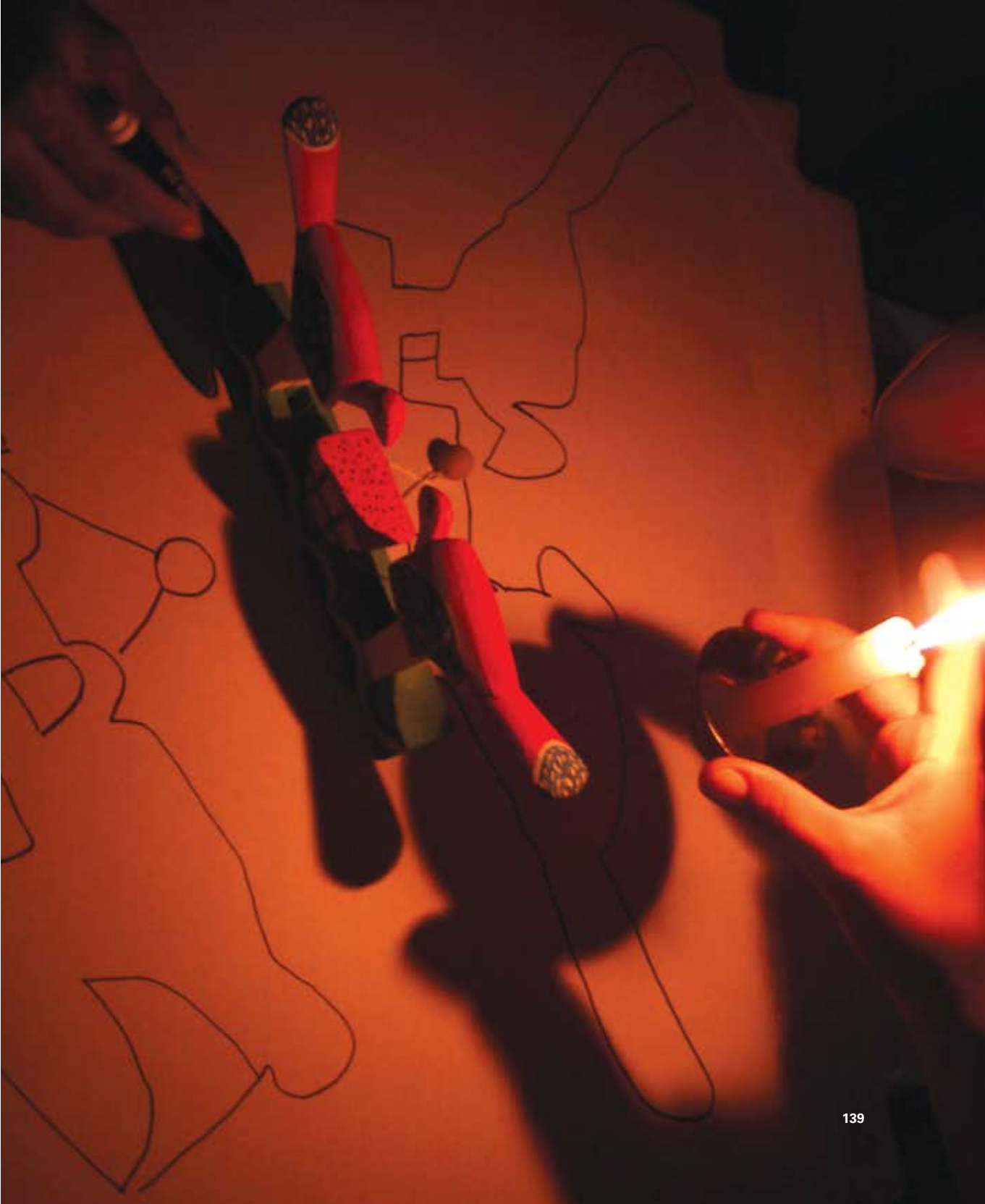
Luz e sombra

Fontes de luz são recursos que criam visualidades passageiras. Dependendo da localização e intensidade da luz, o que está sendo iluminado se revela de diferentes modos. As sombras, cores e formas de um objeto se transformam de acordo com a incidência de luz sobre ele.

O sol foi o recurso de luz natural utilizado pelos educadores de Aimorés (MG). A proposta implicava o registro das sombras dos objetos expostos sob a luz do sol. A escolha do material para fazer esse registro não foi aleatória. O nanquim, tinta fluida e negra como a sombra, permitiu uma captura rápida antes que a projeção da luz se modificasse. O que se registrou no papel não foi o objeto, mas o que dele era fugaz, ou seja, a imagem da sombra capturada.



Ainda com o recurso da luz do sol, em Pindaré Mirim (MA) e Paragominas (PA), foram realizadas oficinas que abordavam os princípios da fotografia. A palavra fotografia, em sua origem, significa escrita da luz. Utilizando o cianótipo, uma emulsão fotossensível que reage quando exposta à luz, um tecido branco como suporte e objetos e elementos da natureza, os participantes elaboraram uma composição para exercitar as idéias de positivo e negativo da imagem fotográfica.



O foco de luz de uma lanterna muda de função quando utilizada para animar cenas de um teatro de sombras. A lanterna é uma ferramenta atual, mas o teatro de sombra é muito antigo e foi bastante difundido, principalmente entre crianças, antes do surgimento do cinema. Dependendo da movimentação do foco de luz, as cenas, personagens e cenários ganham diferentes aspectos dramáticos.

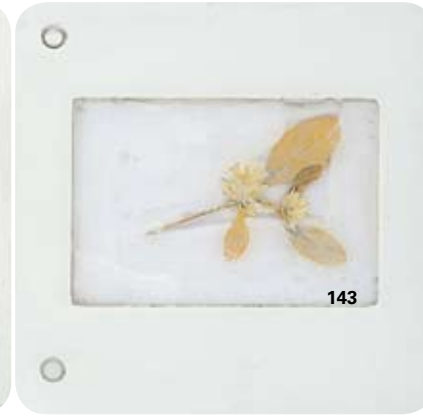
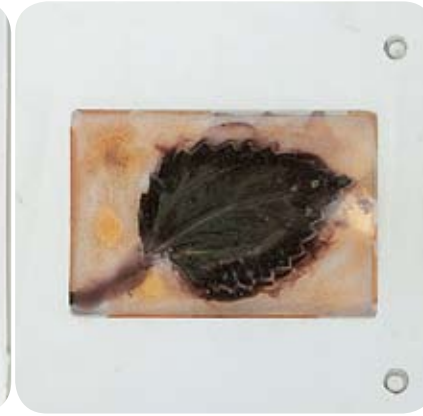


Equipamentos

O retroprojektor, um equipamento frequentemente encontrado nas escolas, tornou-se um recurso para fazer arte. Com plásticos transparentes e canetas apropriadas, pode-se criar texturas, ampliar e projetar no corpo e no espaço. Em Canaã dos Carajás (PA), a imagem da pele de diferentes animais foi projetada na pele das pessoas.



O projetor de slides é um equipamento que reproduz a imagem na parede pela projeção. Diferente do retroprojektor, a imagem que será reproduzida por essa ferramenta precisa ser bem pequena. Essa restrição técnica foi motivadora da idéia de realizar uma oficina em que o micro fosse transformado em macro. Os educadores de Arari (MA) produziram imagens colando com esmalte de unha minúsculos elementos coletados nos arredores da escola. Os resultados foram tão surpreendentes quando os objetos foram ampliados que os educadores decidiram compartilhar a apreciação em praça pública, com a presença da comunidade.



Entreartes





Ao longo de vários encontros as oficinas de artes visuais buscam tornar a arte presente na escola para que educadores e crianças a reconheçam em toda a sua potencialidade autoral e criadora, envolvendo a formação de repertório de práticas artísticas como área de conhecimento.

Na construção e ampliação do repertório, os educadores que participam das oficinas são convidados a se aproximar das diferentes modalidades da linguagem visual, o que permite se revelarem como autores de desenhos, pinturas, gravuras, colagens, esculturas entre outras produções de imagens. Essas práticas evidenciam as possibilidades e potências do ato criativo por envolver experimentações de procedimentos, pesquisa em práticas artísticas no plano bidimensional e tridimensional e descobertas de recursos expressivos.

A partir dessas experiências pessoais vividas por grupos de professores, supervisores e gestores, o desejo de compartilhar situações semelhantes com as crianças na escola é intensificado. As oficinas promovem situações em que os educadores são convidados a pensar e interagir como educadores com os conteúdos aprendidos, e isso envolve saber elaborar planejamentos de aula, dar continuidade às ações formativas e levar em conta a gestão do espaço, do tempo e dos materiais, sempre considerando as artes visuais como área de conhecimento e a criança em seu processo de aprendizagem.

Planejar uma ação didática em arte é também lançar mão da criatividade. É saber operar com os elementos da linguagem visual no plano bidimensional e tridimensional com intencionalidades pedagógicas claras, para estabelecer o hábito, junto com as crianças, de fazer, apreciar e refletir arte, não apenas para a compreensão do objeto arte em si, mas tam-

bém para o desenvolvimento do olhar crítico do professor e do aluno.

Para abordar a arte no ambiente escolar, uma das estratégias que têm se mostrado indispensáveis são as atividades realizadas diretamente com as crianças. Algumas salas de aulas de professores que participam das oficinas são escolhidas para que oicineiro compartilhe sua atuação didática em plena atividade. Esse procedimento envolve a participação do professor de sala e de gestores e supervisores convidados que recebem orientações para observar e registrar as intervenções doicineiro junto às crianças, a organização da turma em agrupamentos, a gestão do tempo, do espaço, dos materiais e como as crianças se relacionam com a proposta.

Concluída a atividade, a experiência é sistematizada considerando o planejamento elaborado peloicineiro, as observações feitas pelos educadores, os registros fotográficos e os trabalhos das crianças. Todos os adultos que participaram da situação de sala de aula são convidados a compartilhar suas aprendizagens com os demais educadores do Escola que Vale. Essa socialização abrange a discussão e reflexão sobre a prática de sala de aula com fundamentação teórica e torna possível levantar idéias e dúvidas, reconhecer os encaminhamentos, analisar as intervenções didáticas, identificar as respostas dos alunos e apreciar suas produções para favorecer a construção de novos conhecimentos didáticos em arte.

Compartilhar os conhecimentos construídos dentro da área de artes visuais, entre os adultos para a interação com as crianças e entre as crianças ao interagirem criativamente com a arte, abre um vasto campo de investigação que compreende pesquisa e aprendizagem coletiva.



Percurso em arte

Com a presença da arte na escola, a criança encontra caminhos para dar continuidade a seu potencial criador. Ao oferecer desafios nas modalidades das artes visuais, o professor dá às crianças a oportunidade de articular diversificados procedimentos do fazer e descobrir soluções criativas na construção de conhecimentos e da materialização de idéias. O equilíbrio entre arte e técnica pode ser alcançado quando a experimentação e os procedimentos têm o mesmo valor.



A descoberta de procedimentos pode levar a resultados inesperados, mesmo que as práticas educativas em artes visuais sejam pensadas para o grupo de alunos da sala de aula. Ao considerar que cada aluno constrói sua própria experiência, fruto do diálogo entre os estímulos externos e internos, o modo particular de produzir arte é valorizado. Dessa forma, espera-se que educadores e alunos se deparem com a imprevisibilidade, uma característica a ser evidenciada nesse fazer artístico.



As descobertas do fazer arte se ampliam ainda mais quando a observação e apreciação de imagens fazem parte dessa prática. Apreciar referências visuais, sejam da História da Arte, sejam presentes no cotidiano, empreende a subjetividade do olhar, em que cada um irá se ater para observar e conhecer detalhadamente a constituição da imagem e sua intencionalidade expressiva. Uma mesma imagem pode ser vista e interpretada de diferentes modos. Quanto mais se utilizam referências visuais aliadas ao fazer arte, maior se torna a capacidade de criar imagens próprias e dar visibilidade ao que se sente, pensa e conhece.



Dessa relação que se estabelece entre o apreciar e o fazer arte emergem inúmeras e exclusivas possibilidades de associações, combinações, reorganizações e reinvenções das próprias referências visuais reveladas na construção da imagem: na abordagem de determinado tema, no tratamento gráfico que se dá para as linhas do desenho, nas escolhas de cores e pinceladas na pintura, na ocupação do suporte e na forma que se dá à matéria.

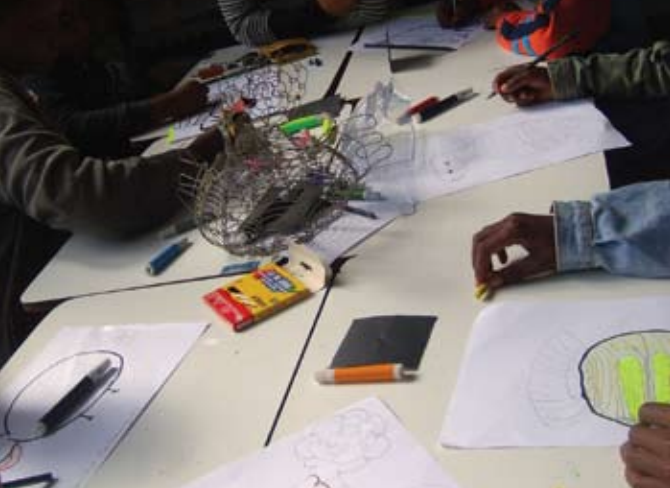


Desenho

Desde muito cedo, o desenho é investigado pelas crianças e sempre há um lugar para ele na sala de aula, seja num espaço conquistado por si só, seja acompanhado por outras áreas do conhecimento. Sem deixar de reconhecer a intimidade que a criança estabelece com essa linguagem gráfica mesmo antes de freqüentar a escola, nas oficinas o desenho é abordado com muita freqüência por seu caráter abrangente e universal, evidenciando-o como importante ponto de partida para adentrar nos conhecimentos das outras modalidades do plano bidimensional e tridimensional.



Desenhar pode ser uma aventura em que as crianças ampliam as possibilidades de olhar e do próprio desenhar. Planejar atividades de desenho é criar propostas para que os alunos se sintam motivados e desafiados a se lançar nessa aventura. Nas oficinas os educadores são convidados a apreciar os trabalhos de seus alunos e relacioná-los com as teorias da evolução do desenho da criança, a reconhecer as marcas pessoais que se revelam na linguagem gráfica que possibilita a observação de características do percurso criador, as relações com as intervenções pedagógicas e suas influências para o desenvolvimento do desenho, assim como o seu potencial interdisciplinar para ser integrado a projetos de outras áreas sem descaracterizar-se enquanto linguagem. Compreender o desenvolvimento do desenho infantil e atualizar-se em relação às concepções do ensino da arte são conhecimentos imprescindíveis para os educadores. Um educador que sabe reconhecer as diferentes fases de desenvolvimento do desenho da criança tem mais chances de elaborar planejamentos que valorizam o percurso criador de seus alunos.

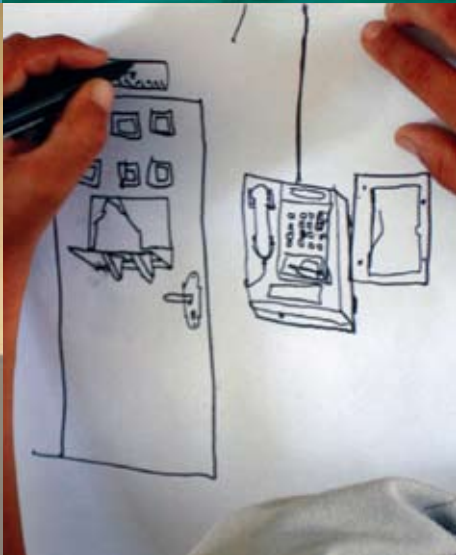
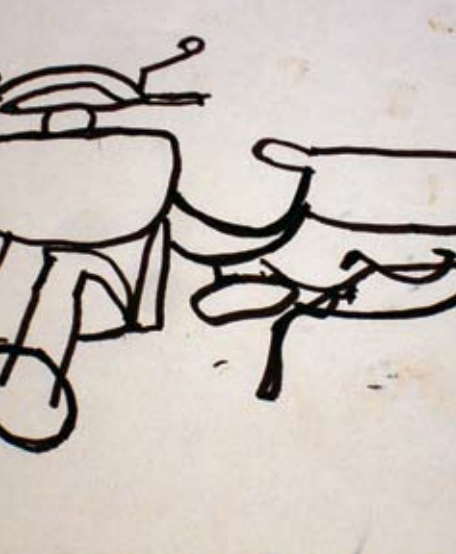


Desenho de observação

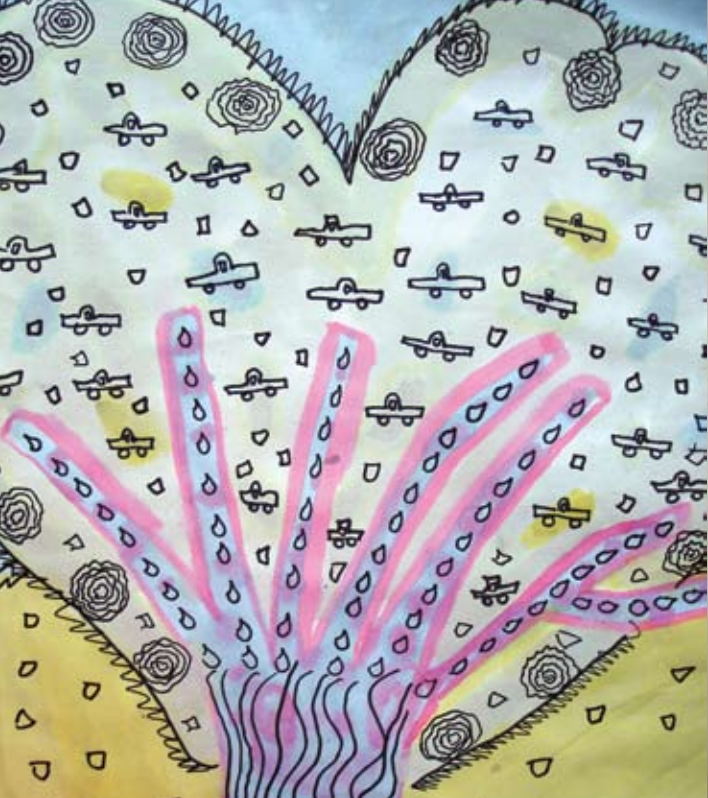
Ao fazer desenhos de observação, o aluno se encontra diante de uma operação complexa que envolve coordenar olho e mão, ter olhos para o que está sendo observado e para o desenho, portanto observar o modelo, riscar e ver o riscado. Os resultados desse conjunto de ações tornam visíveis detalhes que até então passavam despercebidos aos olhos. O processo envolvido no desenho de observação se assemelha a uma pesquisa, uma investigação apurada, um caminho para

conhecer as relações espaciais e as proporções, as sutilezas formais e as texturas. O olhar observador é acionado durante a realização desse tipo de desenho, o que pode, além de aguçar a percepção, trazer conseqüências diretas para o ato de desenhar, uma vez que toda essa experiência visual pode ser transformada em experiências gráficas combinando aspectos visíveis, tais como forma, cor, tamanho, volume, e também invisíveis, ligados às sensações e sentimentos.





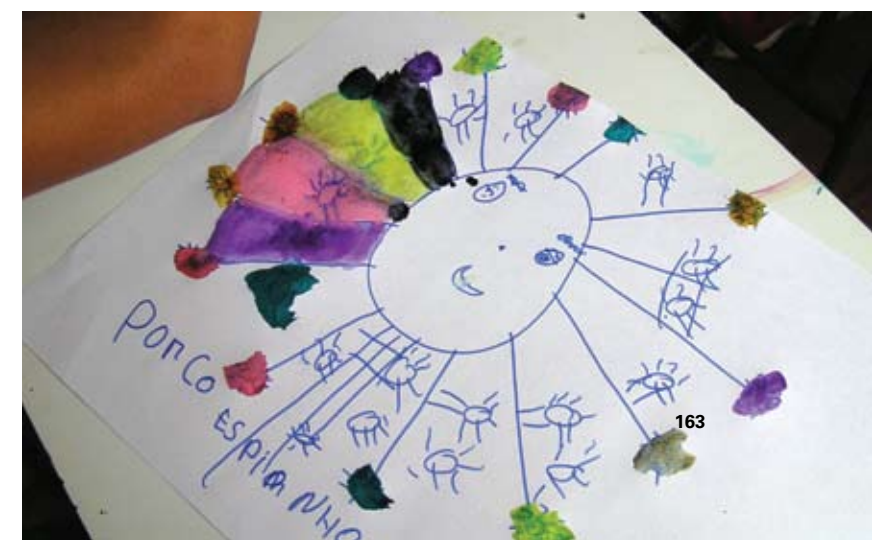
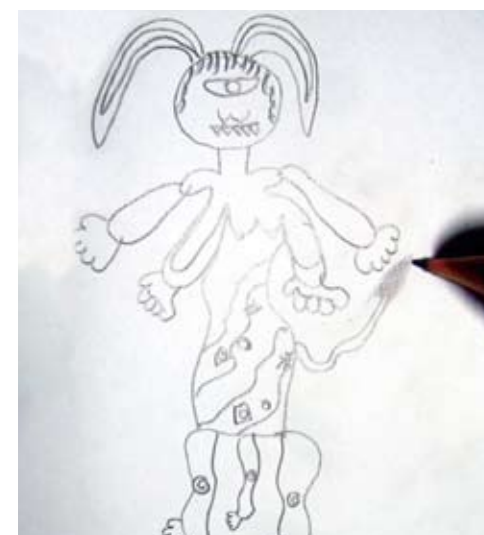






Desenho de memória e imaginação

Quando as crianças desenhavam, não estão necessariamente estabelecendo um compromisso com o aspecto aparente da realidade, mas combinando elementos reconhecíveis a atributos não aparentes, que é resultado da relação que a criança tem com o que está sendo desenhado. A visão tradicional do desenho, com o compromisso em reproduzir o que é visível no mundo, pode ser questionada e até mesmo desestabilizada quando os alunos são desafiados a inventar formas e figuras existentes apenas no imaginário, ou mesmo modificar as aparências das que já existem, legitimando a autoria de imagens diferenciadas.

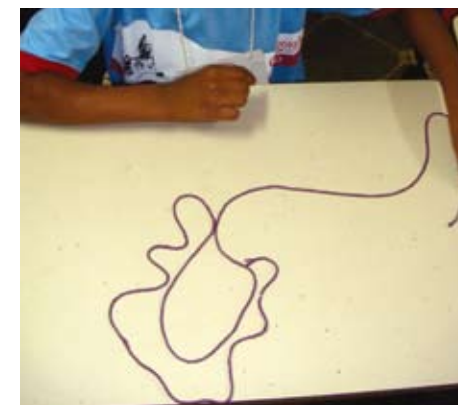






Materiais e suportes para o desenho

Os materiais necessários para desenhar são acessíveis, o que garante que o aluno se envolva em práticas constantes de desenho. O hábito faz com que seu desenhar se transforme e a possibilidade de envolvimento com o próprio processo e singularidade de cada percurso seja valorizada no próprio ato de desenhar. Nesse processo, a criança poderá resignificar a relação que tem com o desenho para além dos resultados gráficos. Desenhar com tinta, desenhar com a tesoura, desenhar com carvão e até mesmo com o barbante pode levar a descobertas de resultados inusitados, possibilitando a invenção de um modo próprio e inovador de desenhar e conseqüentemente lançar um novo olhar para o desenhar.





Investigações com a linha na busca de soluções não convencionais, considerando formato, tamanho, cor e textura de papéis, tecidos, parede, chão entre outros suportes, ampliam as possibilidades de ocupação do espaço pelo desenho. Deparar-se com um novo suporte envolve desafios para a experimentação de diferentes esquemas gráficos.



Pintura

As inúmeras interações entre meios e suportes, tintas ralas e espessas, opacas e transparentes, industriais e artesanais, quando combinadas com diferentes pincéis redondos e chatos, finos e largos, esponjas e rolinhos, escovas e espátulas, proporcionam explorar e pesquisar diferentes pinceladas. Variar os formatos e textura dos suportes, colocando desafios que influenciam a escolha das tintas, dos pincéis e dos movimentos leva à descoberta de diferentes resultados. Enquanto conhece os meios, suportes e ferramentas, cada um tem a chance de encontrar sua gestualidade e preferência para pintar.

Para que experimentem os gestos, as propostas podem variar a posição da criança em relação ao suporte: sentado, em pé, deitado, com os suportes colados na parede, na mesa ou chão. As diferentes posições modificam o movimento do corpo e conseqüentemente dos gestos e seus resultados.





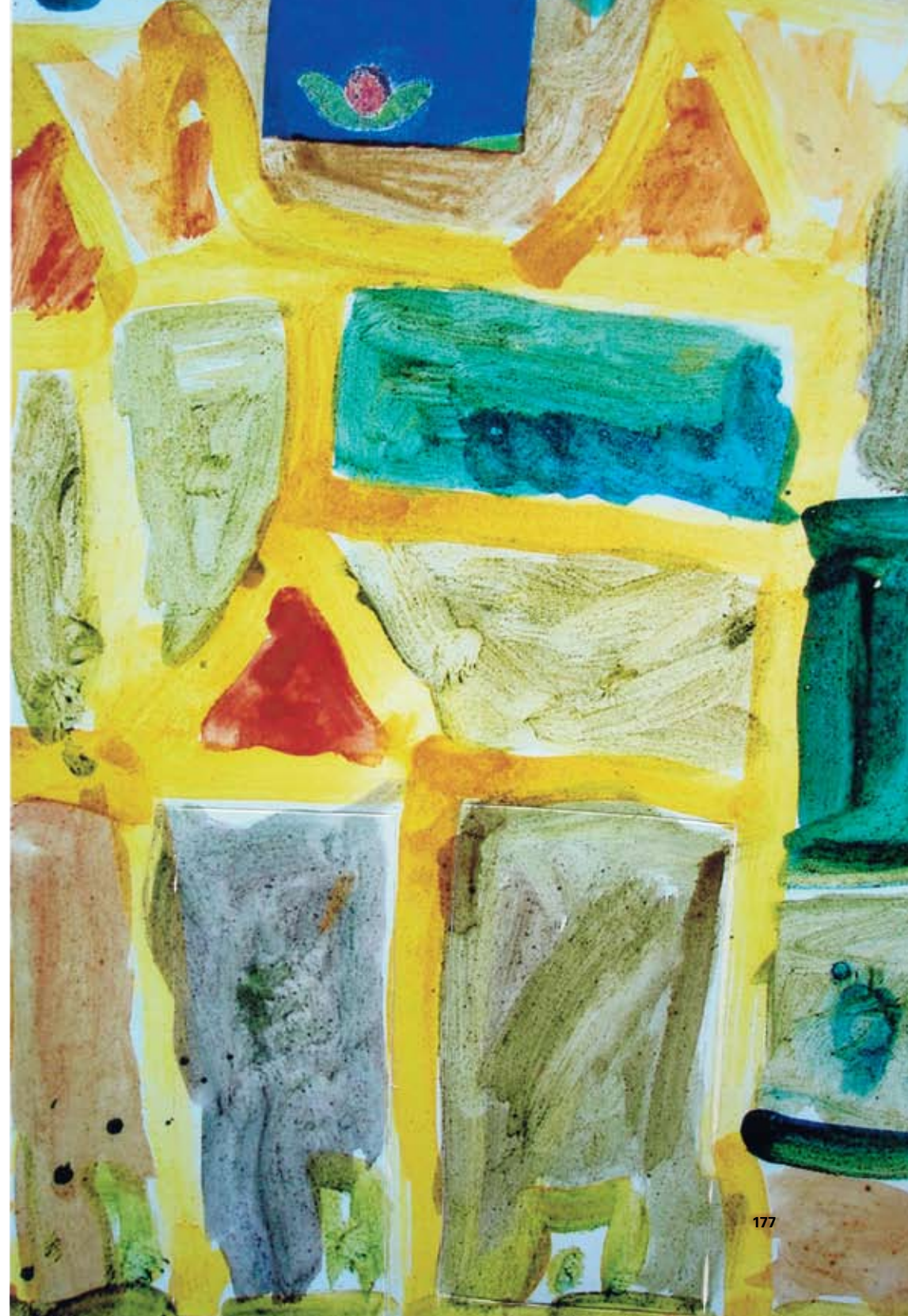
Observar a natureza e pensar como transpor para a pintura suas variadas formas, cores, tonalidades e texturas favorece a busca de soluções, a começar pela própria feitura de tintas, que potencializa o caráter experimental dessa modalidade.





Enfocar as relações entre a pintura e o desenho com os alunos leva-os a ampliar seu repertório em relação à mistura de modalidades, variando os modos de pensar tanto sobre o desenho quanto sobre a pintura. Ao interferir com o desenho sobre a pintura, a linha deixa de ser contorno para a elaboração de figuras e passa a ser pensada como recurso gráfico. A criança pode perceber que realizar uma pintura é diferente de colorir um desenho para preencher áreas delimitadas pela linha.

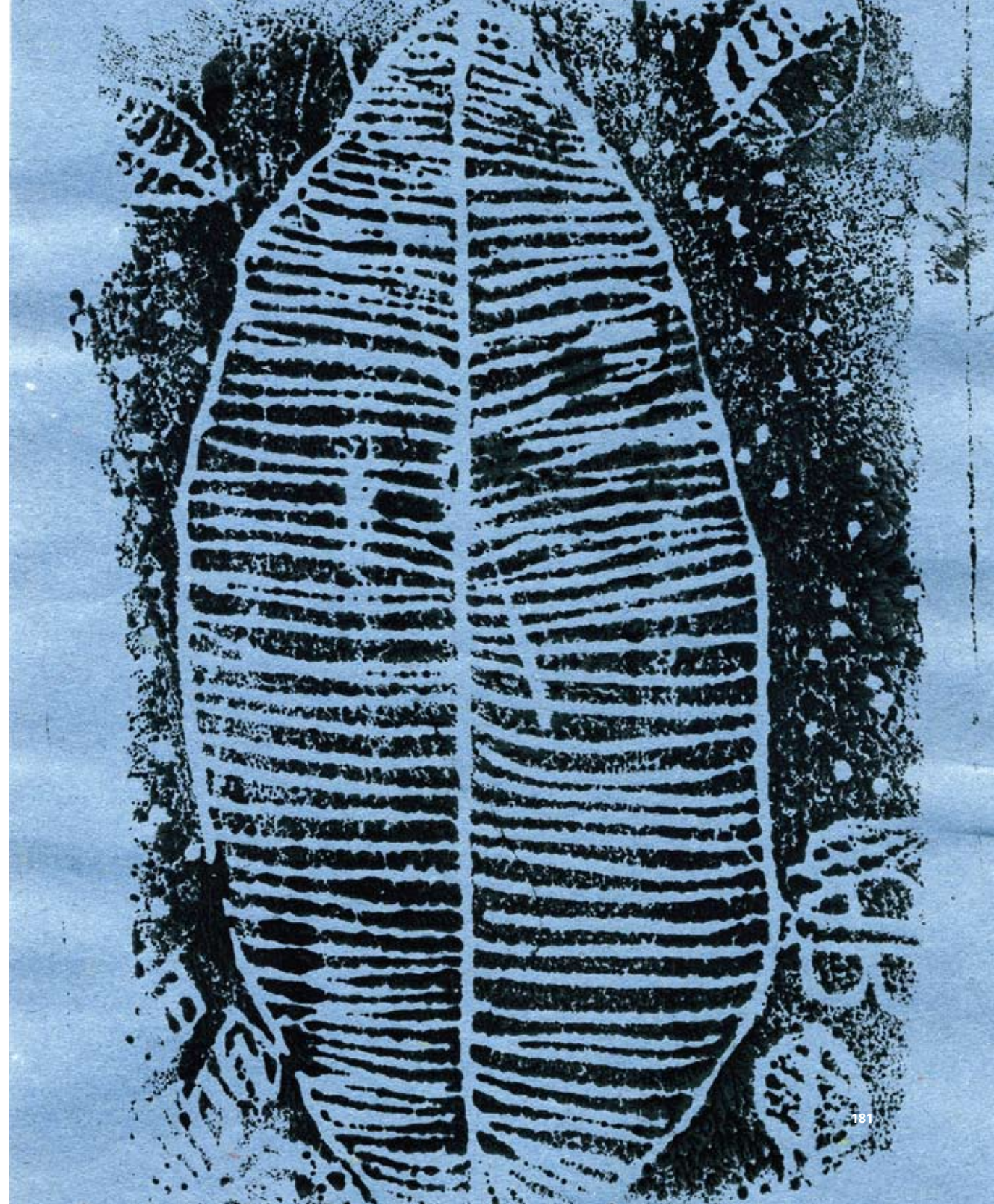


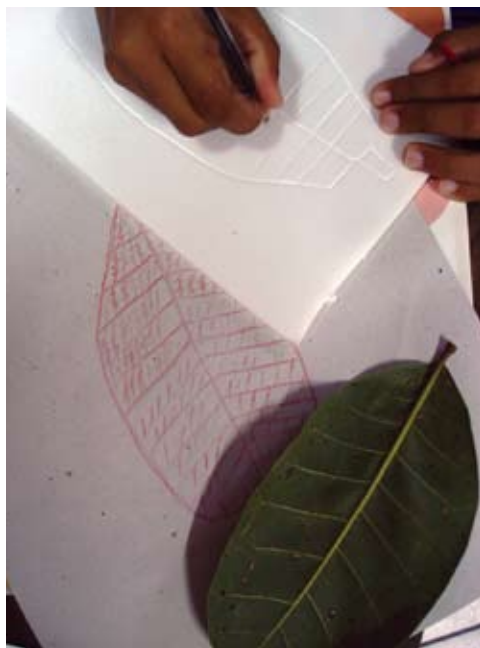




Gravura

Trabalhar com gravura compreende realizar pesquisas gráficas, que envolvem incisões, entintagem, impressão e reprodutibilidade da imagem. Esse processo abrange desde o ato de observar e imprimir propriedades táteis e visuais das superfícies existentes na natureza, nas construídas e nos objetos do cotidiano até a criação de imagens a serem reproduzidas inúmeras vezes.







Na monotipia a imagem é transportada da matriz para o papel em uma única vez, e o resultado apresenta algumas características da gravura como a inversão da imagem elaborada com tinta. O processo de impressão na monotipia conta com o elemento surpresa, por transferir a imagem conforme a quantidade de tinta, da intensidade dos movimentos e da pressão que as mãos exercem sobre o papel.



As diferentes técnicas de gravura são recursos para produzir com as crianças jogos e brincadeiras. Pequenos papéis servem de suporte para formar pares nos jogos de memória, dominó, trilha, entre outras brincadeiras que necessitam da reprodução de imagens, tendo o próprio corpo, tecidos e objetos como suporte.

Colagem

A colagem é uma modalidade que conversa com o desenho e com a pintura, além de ser um caminho para pensar a produção tridimensional. No desenho, a conversa se dá quando a tesoura ou mesmo as mãos são utilizadas como ferramentas, assim como o lápis é usado sobre o papel. É no recortar que o desenho aparece, definindo formas e figuras.





Na colagem, a composição de imagens com as cores é tão fundamental quanto é para a pintura, mesmo que os procedimentos envolvidos em cada uma dessas duas modalidades sejam diferentes.







O entorno da escola pode ser um campo de pesquisa para a coleta de objetos de várias procedências. Objetos tridimensionais comuns, tais como, palitos, tampas, botões e elementos da natureza, sugerem inúmeras combinações para a realização de colagens.





A colagem não depende necessariamente de trabalhar com figuras prontas. Uma experiência interessante com a colagem é o recorte de desenhos da própria criança, que quando colado em outro suporte possibilita novas organizações das figuras, criando, por exemplo, cenários e narrativas.

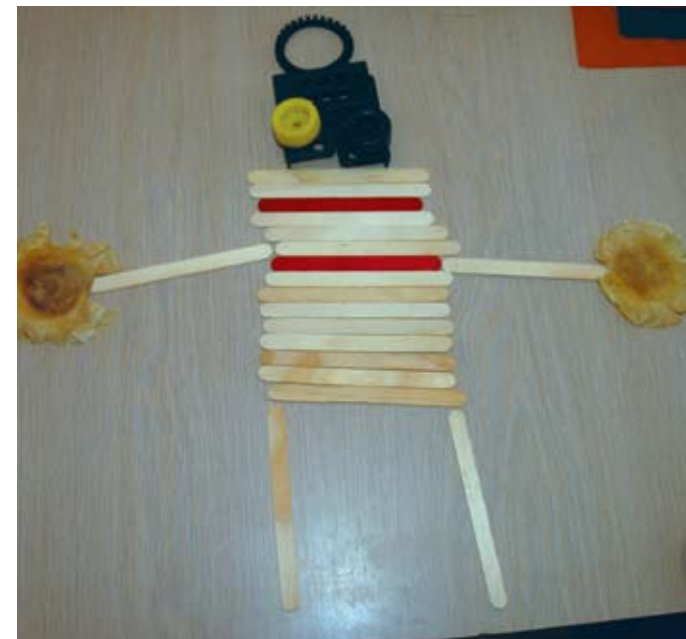




Escultura

Manusear e combinar materiais comuns, tais como palitos, tampas, botões, barro e areia, faz parte do universo das crianças, que encontram prazer em empilhar, modelar, sobrepor, justapor e equilibrar, na tentativa de agir sobre eles, e assim organizar o mundo a seu modo. Essa atividade pode ser recontextualizada na escola quando se deseja ampliar as idéias dos alunos sobre esculturas. Os objetos podem ter várias procedências e ser considerados como material, revelando como cada aluno propõe a sua relação nas inúmeras combinações feitas.

Galhos, troncos e cascas de árvore, sementes e frutos são materiais que por suas propriedades tridimensionais mostram-se adequados para esse tipo de produção. Esses elementos da natureza podem ser combinados com massas de modelar, como a argila e o papel machê. Identificar elementos de diferentes naturezas, leves e pesados, ásperos e lisos, opacos e transparentes, moles e duros e combiná-los em jogos de construção gera um ambiente de criação. Encontrar soluções para juntar um elemento ao outro é parte desse processo.





Diretamente com as mãos ou com o auxílio de ferramentas, são inúmeras as manobras para a realização de trabalhos no plano tridimensional, por meio do modelado ou da construção. Desde os materiais mais duros aos mais maleáveis, o desafio está em lidar diretamente com os materiais no espaço. É no retirar matéria ou acrescentar elementos que se descobre a intensidade adequada das ações, da experimentação de golpes mais fortes até movimentos mais delicados, possibilitando estabelecer um intenso embate com a matéria.





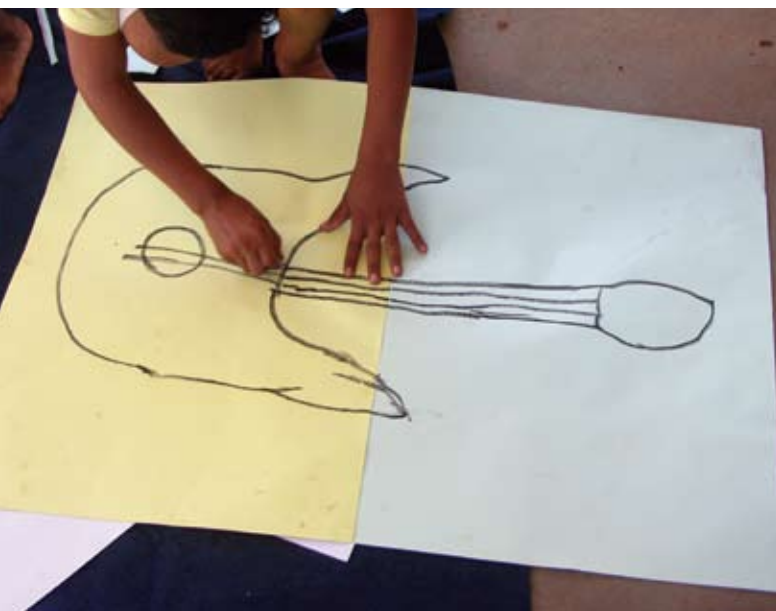
Transformar um objeto utilitário em estrutura para realizar esculturas, como uma simples cadeira, pode ser uma estratégia que favoreça estabelecer uma nova relação entre objeto criado e espaço. A partir de caixas, papelão, latas, tubos, tecidos, sisal, barbante, sementes de diferentes tamanhos, cabe ao professor criar a situação que pode ter início no desenho como projeto, passando pelo recorte, pintura e colagem, para finalmente chegar ao objeto tridimensional, seja um brinquedo, um instrumento musical, ou simplesmente uma escultura.



Para isso, os alunos podem ser convidados a pensar e experimentar algumas maneiras de configuração em diferentes ambientes.

As esculturas criadas podem ser expostas no chão, penduradas em uma árvore, no canteiro da escola, para potencializar a relação desse tipo de produção com o espaço. Os alunos também podem levar as esculturas para passear por diferentes lugares, para que observem como o lugar em que são colocadas as modifica e como também os espaços são modificados por elas.





O corpo também é elemento tridimensional a ser experimentado na produção artística, procedimento utilizado entre artistas contemporâneos que implica a expressão corporal e propicia experiências que revelam sua plasticidade. Quase como um jogo teatral ou uma brincadeira, as propostas que envolvem o corpo demonstram ser muito estimulantes para os alunos.



Oficinas de Artes foram tema de Exposição



Os trabalhos produzidos nas Oficinas de Artes do Escola que Vale foram expostos na Estação Vale. Durante um mês, os convidados e empregados puderam conhecer alguns dos trabalhos feitos pelos professores e alunos participantes do Escola que Vale em várias partes do país: "É uma ótima oportunidade expor trabalhos que mostram o envolvimento dos profissionais da educação em um processo de criação, provocação do olhar e desconstrução da visão de mundo rígida e estereotipada", afirma a Analista de Projetos Lilian Neves.





As Oficinas de Artes são realizadas com o objetivo de ajudar os educadores a planejar aulas de arte que permitam a seus alunos o desenvolvimento de um olhar que pensa e identifica pensamento em imagens.

“Conseguimos deixar as aulas mais interessantes. A arte proporciona liberdade para a criança se expressar. E, com certeza, ampliar a facilidade de compreensão nas outras áreas”, comenta a professora Ana Lúcia Lage de Rio Piracicaba (MG).



Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. "Os tantos visuais que cabem no espaço da sala de aula" *In Boletim Fazendo Arte*, nº1, Rio de Janeiro, novembro de 1983.

BACHELARD, G. "A poética do espaço". São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BACHELARD, G. "A poética do devaneio". São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BARBOSA, A.M. "John Dewey e o ensino da arte no Brasil". São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, A.M. (org.) "Arte-Educação: leitura no subsolo". São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, A.M. (org.) "Arte/Educação contemporânea – consonâncias internacionais". São Paulo: Cortez, 2005.

BOSI, A. "Reflexões sobre a arte". São Paulo: Ática, 2004.

BUCK-MORSS, S. "Dialética do olhar – Walter Benjamin e o projeto das passagens". Belo Horizonte: UFMG, 2002.

BUORO, A.B. "Olhos que pintam". São Paulo: Cortez, 2002.

CAUQUELIN, A. "Teorias da arte". São Paulo: Martins, 2005.

MARTÍN-BARBERO, J. & REY, G. "Os exercícios do ver – hegemonia audiovisual e ficção televisiva". São Paulo: SENAC, 2001.

MONTESQUIEU. "O gosto". São Paulo: Iluminuras, 2005.

MOREIRA, A. A. "O espaço do desenho: a educação do educador". São Paulo: Loyola, 2002.

DAYRELL, J. (org.) "Múltiplos olhares sobre educação e cultura". Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DEHEINZELIN, M. "A fome com a vontade de comer". Petrópolis: Vozes, 1994.

DEHEINZELIN, M. "Trilha, educação, construtivismo". Petrópolis: Vozes, 1996.

DELEUZE, G. "Empirismo e subjetividade – ensaio sobre a natureza humana segundo Hume". São Paulo: Editora 34, 2001.

DERDYK, E. "Formas de pensar o desenho". São Paulo: Scipione, 2003.

DIAS, R.M. "Nietzsche educador". São Paulo: Scipione, 1993.

ECO, U. "A definição da arte". Lisboa: Elfo, 1995.

EDWARD, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. "As cem linguagens da criança". Porto Alegre: Artmed, 1999.

FUSARI, M.F.; FERRAZ, M.H. "Arte na educação escolar". São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, M.F.; FERRAZ, M.H. "Metodologia do ensino de arte". São Paulo: Cortez, 1999.

GANDINI, L.; EDWARDS, C. "Bambini: a abordagem italiana à educação infantil". Porto Alegre: Artmed, 2002.

HALL, S. "A identidade cultural na pós-modernidade". Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HERNÁNDEZ, F. "Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho". Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOLM, A.M. "Fazer e pensar arte". São Paulo: MAM, 2005.

IABELBERG, R. "Para gostar de aprender arte – sala de aula e formação de professores". Porto Alegre: Artmed, 2003.

KASTRUP, V. "Ensinar e aprender: falando de tubos, potes e redes" *In Boletim Arte na Escola*, nº 40, Fundação lochpe, dezembro de 2005.

KELLOGG, R. "Análisis de la expresión plástica del preescolar". Madrid: Cincel, 1984.

LOROSSA, J. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência" *In Revista de Educação*, Rio de Janeiro, nº 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

LENER, D. "Ler e escrever na escola – o real, o possível e o necessário". Porto Alegre: Artmed, 2001.

- MATURANA, H. "Emoções e Linguagem na educação e na política". Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MORAIS, F. "Arte é o que eu e você chamamos arte". Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MOREIRA, A.A. "O espaço do desenho – a educação do educador". São Paulo: Loyola, 1984.
- MOREIRA, M.C. (org.) "Arte em pesquisa". Londrina: Eduel, 2005.
- NUNES, B. "Introdução à filosofia da arte". São Paulo: Ática, 2000.
- OSTROWER, F. "Universos da arte". Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- OSTROWER, F. "Criatividade e processo de criação". Petrópolis: Vozes, 1987.
- PAREYSON, L. "Os problemas da estética". São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- PILLAR, A.D. (org.) "A educação do olhar". Porto Alegre: Mediação, 2003.
- PIMENTEL, V.; SZPIGEL, M. "Cópia ou releitura? Como não levar gato por lebre" *In Revista Pátio*, ano 4, agosto/outubro 2000.
- RABITTI, G. "À procura da dimensão perdida: uma escola de infância de Reggio Emilia". Porto Alegre: Artmed, 1999.
- READ, H. "A Educação pela Arte". São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RICHTER, I.M. "Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais". Campinas: Mercado Letras, 2003.
- RICHTER, S. "O Ateliê na educação de crianças pequenas" *In Revista Pátio*, ano 5, julho/outubro 2007.
- SALLES, C. A. "Imagens em construção" *In Revista Olhar – ano 2, nº 4, dezembro de 2000*.
- SCARPA, R. "Era assim, agora não... uma proposta de formação para professores leigos". São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- SCHNITMAN, D.F. (org.) "Novos paradigmas, cultura e subjetividade". Porto Alegre: Artmed, 1996.
- TASSINARI, A. "O espaço moderno". São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- VATTIMO, G. "Para além da interpretação". Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1999.
- ZABALA, A. "A prática educativa". Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZABALA, A. "Como trabalhar com os conteúdos procedimentais em aula". Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ZABALZA, M. A. "Qualidade em Educação Infantil". Porto Alegre: Artemed, 1998.

Publicações institucionais

- ASSOCIAÇÃO OBRA DO BERÇO. PROJETO CULTURAL MÃOS À OBRA "Nossa arte, arte nossa", 2003.
- BRASIL, SECRETARIA DE ENSINO FUNDAMENTAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais Arte. Brasília, 2000.
- BUENOS AIRES. SECRETARIA DE EDUCACIÓN. Dirección de Currícula, Plástica. "Diseño Curricular para la Educación Inicial, Niños de 4 y 5 años", Buenos Aires, 2000.
- BUENOS AIRES. SECRETARIA DE EDUCACIÓN. Propuestas para el aula. In Actualización Curricular – EGB Educación Artística. Documento de trabajo nºs 1, 2 e 3, 1996. Buenos Aires: Dirección de Curriculum.
- ITAÚ CULTURAL. Catálogo da exposição "Gravura: arte brasileira do século XX". São Paulo, 2000.
- ITÁLIA, ISTITUZIONE DEL COMUNE DI REGGIO EMILIA. SCUOLE E NIDI D'INFANZIA. "Bambini, arte, artisti – i lingaggi espressivi dei bambini, il linguaggio artistico di Alberto Burri, 2004
- ITÁLIA, ISTITUZIONE DEL COMUNE DI REGGIO EMILIA. SCUOLE E NIDI D'INFANZIA. "Bambini, spazi, relazioni – metaprogetto di ambiente per l'infanzia", 2001.
- ITÁLIA, ISTITUZIONE DEL COMUNE DI REGGIO EMILIA. SCUOLE E NIDI D'INFANZIA "Reggio tutta – una guida dei bambini allá città", 2000.



Créditos

O **Escola que Vale** é fruto de uma parceria entre a Fundação VALE, o CEDAC – Centro de Educação e Documentação para Ação Comunitária e as Secretarias Municipais de Educação:

Norte/ Nordeste

Açailândia - MA
Alto Alegre do Pindaré - MA
Arari - MA
Barcarena - PA
Canaã dos Carajás - PA
Curionópolis/Serra Pelada - PA
Eldorado dos Carajás - PA
Ipixuna do Pará/Comunidade de Canaã - PA
Marabá - PA
Ourilândia do Norte - PA
Paragominas - PA
Parauapebas - PA
Pindaré Mirim - MA

Sudeste

Aimorés - MG
Baixo Guandu - ES
Barão de Cocais - MG
Belo Vale - MG
Catas Altas - MG
Congonhas - MG
Governador Valadares - MG
João Neiva - ES
Rio Piracicaba - MG
São Gonçalo do Rio Abaixo - MG

Livro Entreates

Coordenação geral
Maria Cristina Ribeiro Pereira

Elaboração

José Cavalhero
Marisa Szpigel

Colaboradores

Ani Rocco

Elana Gomes Pereira
Fabiana Barcinski
Marcia Cirne Lima
Marta Azeredo

Produção

Luana Haddad

Revisão de texto

Márcia Melo

Projeto gráfico

DDT

Design

Fernanda Segabinassi
Henrique Theo Moller
Janaina Alucci
Kátia Akamine
Milena Codato

Imagens e produções

Oficinas do Escola que Vale

Fotografia

Equipe CEDAC

Equipe Oficinas de Artes Visuais

Alex Cervený
Ana Tatit
André Vilella
Carlos Barmak
Chakê Ekizian
Elana Gomes Pereira
Flavia Ribeiro
Heloisa Pacheco
Isabel Graciano

Iza Figueiredo
José Cavalhero
Laura Gorski
Márcia Cirne Lima
Maria Morena Godoy
Marisa Szpigel
Renata Caiuby
Stela Barbieri
Suia Ferlauto
Sylvia Helena Boock de Freitas
Valéria Pimentel

Fundação Vale
Diretor – Superintendente
Sylvio Vaz de Almeida

Gerente Geral
Sergio José Leite Dias

Coordenadores de Território
Andreia Gama
Andreia Rabetim
Christiana Costa
Christiana Saldanha
Eric Font

Analista de Projeto
Lilian Neves

CEDAC
Centro de Educação e Documentação
para Ação Comunitária

Presidente
Beatriz Cardoso

Presidente de honra
Antonio de Pádua Prado Junior

Conselho Diretor
Maria Cristina Ribeiro Pereira
Maria de Fátima Assumpção
Maria Tereza Perez Soares

Conselho Fiscal
Elio Jardanovski

Conselho Consultivo
Esther Império Hamburger
Helena Maria Freire da Mota e Albuquerque
Lino de Macedo

Equipe Escola que Vale
Andrea Guida Bisognin
Alaísia Terezinha Fávoro Schaeffer
Alda Car
Alda Terezinha Beraldo
Alessandra Gonçalves da Rocha
Alessandra Kássia Silva Oliveira
Aparecida Consolação dos Santos Ferreira
Ariana Coelho
Rodrigues Rocha
Beatriz Cardoso
Camila Castro
Carla Beatriz Carrizo de Abreu
Carolina Glycerio Célia Maria Correia Dornelas
Cíntia Cavalcante dos Santos
Claudia Rosana Teixeira
Claudineia Magela dos Anjos
Cleide Assumpção Clemente
Débora Krolikowsk S. Oller
Débora Krolikowsk S. Oller
Edilene Ferreira Alves
Eduarda Diniz Mayrinck
Elaene Aparecida Ferreira
Elenir Aparecida Ramiro
Elis Regina Maia do Nascimento
Elza Maria Santos do Nascimento
Evangelina Márcia Lage Bicalho
Fabiane Resplandes de Sousa Santos
Felipe de Freitas Cardoso
Fernanda Savoldi
Geanete Pereira R. Silva
Geisla Teixeira Alves Leite
Geni Maria Aguiar Amorim
Gesilene Sousa Aguiar
Gisele Goller
Hermivânia Ribeiro Mendes

Ione Francisca de Oliveira
Irene de Jesus Fernandes Sousa
Iranina Maria da Silva Ribeiro
Ivanete Carvalho da Silva
Ivone de Mello César
Izabel Aparecida de Souza
Janáina Maria Santos Sousa
Jaqueline Sousa
Jeanne Carvalho Silva
Josélia Vieira de Sousa
Karen Mathias A. Penteriche
Keila Geane do Couto
Laniette Maria de Freitas Lima
Lázara da Costa
Leonídia Aparecida Oliveira Martins
Lourdes Cândida de Carvalho Bueno
Luana Haddad
Luceni Lazara da Costa
Lucia das Dores Pinto
Lucimar de Lima
Lucinete Babilon Marques de Oliveira
Lucinete Pereira da Silva
Ludmylla Feitosa de Oliveira
Luiza da Conceição Peixoto
Luzia Elias de Sousa
Lydiane Santos
Marcia Cirne Lima
Márcia Helena Resende
Marcia Regina Lima dos Santos Nascimento
Marcia Vieira dos Santos Morozewsky
Maria Alice Junqueira de Almeida
Maria Alzira Furtado Moraes
Maria Aparecida Batista de Oliveira
Maria Aparecida Oliveira Martins
Maria Cristina Ribeiro Pereira
Maria da Conceição Mendes Rodrigues
Maria da Conceição Moura
Maria da Paz Rodrigues de Araújo
Maria das Graças Alves Nogueira Cruz
Maria das Graças Lima Juste
Maria das Graças Rodrigues Fernandes
Maria das Graças Rodrigues Freitas
Maria de Fátima Assumpção
Maria de Lourdes Mello Martins

Maria do Socorro Onofre Pereira
Maria do Socorro Pereira da Silva
Maria Eunice Fernandes Felipe
Maria Fátima da Fonseca
Maria Joana Gustavo Moreira
Maria José de Oliveira Gonçalves
Maria Lucinete Amorim Pereira
Maria Márcia Coelho Braga
Maria Maura Barbosa
Maria Maura Gomes Barbosa
Maria Mendes Costa de Sousa
Maria Regina Soeiro Mesquita
Maria Rita Pereira
Maria Rosilda Silva e Silva
Maria Tereza Perez Soares
Maria Xavier da Penha dos Santos
Marília Novaes Martins Ferreira
Marlene de Lima Ferreira
Marli Soares de Souza
Marluce Hermano
Neide Mariza Rodrigues Nogueira
Patrícia Aparecida de Souza
Patrícia Helena da Silva Diaz
Paula Stella
Regina Helena Dias Braga
Renato Araújo
Renato Augusto da Conceição
Ricardo Vilela Cunha
Roberta Leite Panico
Roberta Panico
Roberto Carlos Dias dos Anjos
Rosa Maria Pereira Silva
Roseli Monteiro
Rosenilde Vieira Silva
Sandra Mayumi M. Medrano
Sandra Nogueira Noletto
Sandra Regina Teixeira
Sílvia Aparecida de Amorim
Simone Azevedo
Tânia Maria N. Pacheco Barilli
Tatiane Lemes
Valda Ribeiro da Cruz
Virene Alves de Souza
Zenilda Pacheco de Lima.

Agradecemos a todos que colaboraram com o Escola que Vale nos anos anteriores:

Abilene Almeida da Silva
Adelsin Murta Filho
Adnalucia Ferreira de Souza
Adriana Klisys
Alessandra Kassia Silva Oliveira
Alfredina Nery
Amir Haddad
Ana Amélia Inoue
Ana Karina Souza Dualibi
André Trindade
Andressa Barroso Portugal
Ariane Hosken de Sá Carvalho
Áurea Maria Coelho
Beatriz Alcântara
Beth Gervitz
Carmem Robles
Carolina Aguiar
Célia Nascimento
Chico Pinheiro
Claudio Bazoni
Cristina Zelmanovitz
Dalvanir da Silva Lima
Daniela Xande
David Carvalho
Delceny de Moares silva
Daniel Mundurucu
Du Ribeiro
Ducenilde da Costa Furtado
Edilene Ferreira Alves
Eduarda Maia
Elaine Adriana Rodrigues
Elenir Aparecida Ramiro
Eliane Amoury Ataíde
Eliane Minguês
Eliene Elbe Furtado Amim
Elma Pereira da Silva
Elom Onofre Ribeiro
Flavia Del Prá
Francineide Bezerra Monteiro dos Santos
Geane Oliveira Barbosa
Gelceni Zocateli Rosa
Geralda Maria dos Santos Lino

Hélade da Rocha Correa
Helô Pietro
Humberlice Karen Arruda de Brito
Ilca Correa Simplicio
Inês Pinheiro
Ione Francisca de Oliveira
Isabel Aparecida de Souza
Ivaldo Bertazzo
Ivane Botelho Silva Carneiro
Jucineuda de Brito
Katia Lomba Brakling
Kátia Trovato Teixeira de Souza
Keila Geane do Couto
Lia Rodrigues
Lídia Barreto da Silva
Lourdes Cândida de Carvalho
Lucas Borelli
Luceni Lázara da Costa
Luciana Ricardo Farina
Lucinete Pereira da Silva
Luiza Barreira Furman
Lusânia Costa Bandeira
Lydia Hortélio
Madalena Monteiro
Malila da Graça Roxo Abreu
Malu Zoega
Marcela Levy
Marcelo Autuori
Marcelo Jabu
Marcelo Ozório
Márcia Borges
Márcia Cristina da Silva
Marcia Cristina Machado Gurgel
Márcia Padilha
Marcius Galan
Maria da Conceição Mendes Rodrigues
Maria da Penha Brant
Maria das Graças Balbino Correa
Maria das Graças Rodrigues Fernandes
Maria do Carmo Castilho Lenk
Maria do Espírito Santo
Maria Esther Soub
Maria Helena da Silva Araújo
Maria José Gomes Jansen

Maria José Nóbrega
Maria Meire Elias
Maria Solange dos Santos
Marília Veiga
Marli Soares de Souza
Marly de Jesus Freitas Fernandes
Miriam Louise Sequerra
Noemi Jaffe
Oziel da Silva Pereira
Patrícia Aparecida de Carvalho
Pedro Martins Haddad
Pedro Mourão
Raimunda Nonato Silva
Regina Machado
Regina Martins Cabral
Regina Hubner (in memoriam)
Regina Scarpa
Reinaldo Soares
Renato Epstein
Rita Carmona
Rodrigo Mourão
Rosa lavelberg
Rosana Pamplona
Rosangela Macedo Alves
Rosário Rocha Dutra
Rosenilde Vieira Silva
Rosilene Aparecida Valamiel Ramiro
Sandra Eler da Silva Vieira
Sandra Santos
Sara Goldchimit
Selma Maria Kwasne
Silvia Letícia Mendes Gomes
Silvio Dworecki
Solange Maria Carvalho
Tânia Fernandes
Thea Standerski
Urga Maira
Valentina Rossi Soares
Vanderlete da Rocha Moreira
Vera Lucia Fernandes Rocha
Virene Alves de Souza
Viviane Fortes
Waldirene da Graça Maciel Costa
Wania Cristina Gomes Ferreira
Yara Carmona

